



O futuro desafiante da Banca em Angola

*The challenging future
for banking in Angola*

**Análise ao sector
bancário angolano**



[Navegue na versão
em português](#)

*Angolan banking
sector analysis*



[Browse the
English version](#)

KPMG Angola

Outubro de 2020

kpmg.co.ao

Bem-vindos



Bem-vindos a mais uma edição da Análise ao sector bancário angolano, uma iniciativa da KPMG Angola que anualmente se tem consolidado como uma das fontes de informação de referência do sector financeiro do País.

O nosso estudo aborda, este ano, “O futuro desafiante da Banca em Angola” e procura, além da prestação de informação sobre a evolução dos principais agregados das instituições financeiras, apresentar um conjunto de aspectos que, na visão da KPMG, podem ser críticos no futuro da Banca e, simultaneamente, de Angola. O estudo surge no momento difícil em que o actual contexto da economia angolana e global torna necessário um esforço de convergência e um compromisso colectivo maior do que em algum outro momento da história, para ultrapassar a actual situação de pandemia.

As instituições financeiras são e serão, pelo papel que desempenham na sociedade, pela sua capacidade e igualmente pelos seus recursos, uma peça-chave no apoio, desenvolvimento e suporte às economias e, como tal, um elemento decisivo no sucesso de qualquer estratégia de desenvolvimento e diversificação, especificamente no âmbito do combate à actual conjuntura.

No caso específico de Angola, os Bancos não só devem continuar a ser o motor da economia, como certamente serão os principais impulsionadores da necessária modernização e diversificação da economia. No entanto, e como resulta claro do estudo, as instituições angolanas continuam a enfrentar também elas um elevado número de desafios, sendo o primeiro dos quais a resposta ao impacto na sua actividade da actual conjuntura económica desfavorável em termos locais e internacionais. Enfrentam

também as crescentes exigências regulatórias que impõem uma permanente capacidade de investimento nos seus processos e na sua capacitação. Numa terceira dimensão, destacaria ainda a necessidade de adaptação dos modelos de negócio, em resposta aos desafios que o mercado e os clientes impõem, e que poderá passar pela consolidação do sector. Por último, e não menos importante, o desafio da gestão do seu balanço, com destaque para a actual evolução do *rating* de Angola e do seu impacto na dívida soberana, que representa uma percentagem significativa do activo das instituições financeiras e dos seus clientes em Angola.

Por tudo isto, consideramos que este é o momento-chave para fazer estas reflexões e apoiar os diversos *stakeholders* na definição da estratégia e prioridades para os próximos períodos. Assim, e à semelhança dos estudos anteriores, os líderes das três áreas da KPMG apresentam um conjunto de desafios que consideramos críticos no futuro da Banca em Angola e sobre os quais a KPMG se compromete a desenvolver acções específicas ao longo do ano para trazer estes temas para a agenda e ajudar a encontrar soluções para os ultrapassar.

Vitor da Cunha Ribeirinho

Head of Audit & Assurance



Este trabalho encontra-se suportado em dados e análises resultantes de informação pública disponibilizada pelas instituições financeiras (Relatórios e Contas), pelo Banco Nacional de Angola (BNA) e pela Empresa Interbancária de Serviços (EMIS), entre outras fontes.

[Para mais informações](#) ▶

▶ [Browse the English version](#)

O futuro desafiante da Banca em Angola



Falar de Banca em Angola sempre foi desafiante... **então o que nos espera para 2021?**

Um país em recessão económica, fruto de várias variáveis, entre as quais e aquela que maior impacto apresenta, o decréscimo do preço do petróleo nos últimos anos conjugado com a diminuição do volume de barris produzidos diariamente, numa economia ainda largamente dependente deste sector, que contribui em mais de 90% para o PIB nacional;

Uma necessidade imperiosa de **manutenção das reservas em moeda externa** em valores que não colocam Angola em risco de incumprimento dos seus compromissos com o exterior, o que implica necessariamente contenção ao nível das importações do país, dado o volume de exportações não petrolíferas ser ainda incipiente;

Uma política de desvalorização cambial, de forma a desincentivar as importações e, conseqüentemente, reduzir/ajustar as necessidades de moeda do país, assim como tornar o mercado cambial informal menos atractivo, de forma a que a globalidade das transacções passem pelo sistema financeiro;

Controlo e redução da inflação, um dos desafios fundamentais para o país, e que muito depende da política monetária do Banco Central e é condicionado pela estrutura da economia real;

A capacidade de investimento em áreas produtivas internas. Relativamente a este ponto, existem várias medidas tomadas pelo Governo e pelo BNA, com estímulos à concessão de crédito aos sectores produtivos, nomeadamente a fixação do nível das taxas de juros em 7,5% e consequentes benefícios ao nível das reservas mínimas bancárias.

Chegando neste ponto, o **papel da Banca é fundamental**, de forma a que um conjunto de medidas sejam apoiadas, facilitando a existência de investimento privado e do Estado.

Contudo, há que acautelar os **riscos que a concessão de crédito importa** para dentro de uma Instituição financeira. Desta forma, os **desafios para o sector financeiro** são de várias dimensões: desenvolvimento das capacidades técnicas dos seus colaboradores, desenvolvimento de metodologias adequadas de gestão do risco de crédito, assim como a implementação de uma cultura de gestão *end-to-end* desse

risco no processo de crédito, de forma a avaliar desde o momento da concessão de crédito, passando pela sua monitorização, até à sua recuperação.

Os desafios para a Banca angolana apresentam agora também uma outra dimensão: **Gestão do Risco de Crédito do Estado angolano**. Esta dimensão têm um impacto muito relevante para este último semestre de 2020, assim como para 2021 e exercícios seguintes. A percepção do aumento do risco do país pelas agências de *rating* internacionais, com base na expectativa da capacidade de o Estado angolano cumprir com as suas responsabilidades geradas pela dívida soberana emitida e financiamentos externos obtidos, que leva a que este tema seja de capital importância para a Gestão de Risco dos Bancos, dado que são um importantíssimo canal de financiamento do Estado, com a aquisição dessa mesma dívida emitida pelo Estado.

O equilíbrio entre o financiamento ao Estado e financiamento à economia real é primordial para Angola, dado que o encontro do ponto desta matriz não é certamente fácil.

A manutenção de **rácios de capital** em níveis que permitam os bancos angolanos acomodarem perdas futuras, sem que o mercado financeiro seja posto em causa, deve ser prioritário. Aqui, várias medidas devem ser consideradas: aumentos de capital por parte dos accionistas, abertura de capital a novas entidades, fusões entre instituições, melhoria dos rácios *cost benefit*, uma gestão de activos e passivos que promova a robustez da Banca em Angola.

A KPMG Angola, tendo em consideração principalmente todas estas variáveis do mercado angolano, vem trazer na sua **Análise 2020, 12 desafios para o sector que, em nosso entender, irão contribuir para o desenvolvimento do sector financeiro em Angola**.

Inês Filipe

Chief Executive Officer



Índice

**Indicadores
financeiros
do sector** 06

08 **Enquadramento
macroeconómico**

**Análise ao sector
bancário angolano** 10

14 **Results
snapshot**

**A Banca em
Angola, um futuro
desafiante...** 18

20 **Desafios
do sector**

**Crescimento
e resiliência** 25

26 **Metodologia e
fontes de
informação**

**Bank
rankings** 28



[Browse the
English version](#)

Indicadores financeiros do sector



Queda relevante dos resultados, fruto da redução dos **resultados cambiais** e reforço dos níveis de provisionamento (AQA)



Redução marginal do **rácio de solvabilidade (0,45%)**, em função das medidas de estabilização adoptadas, continuando acima dos mínimos regulatórios exigidos



Activos totais cresceram cerca de **26%** com enfoque nas rubricas de aplicações e títulos



Queda significativa dos dois indicadores **(-70%)** fruto do comportamento dos resultados que decresceram cerca de 73%



Rácio de transformação (variação de 2% face aos 44% de 2018) que demonstra o efeito da desaceleração na concessão do crédito, fruto da actual conjuntura económica



Globalmente o rácio **cost to income** aumentou 18% atingindo uma média de 36% face a 30,3% em 2018, **em função do comportamento decrescente dos proveitos**



Provisão líquida sobre empréstimos

Aumentou **40 pontos percentuais** em resultado da evolução da conjuntura e do esforço de provisionamento do AQA



% do Activo total é composto por dívida pública

Representa a maior % do total do Activo, face à sua rentabilidade e efeito de salvaguarda cambial (para as emissões indexadas)

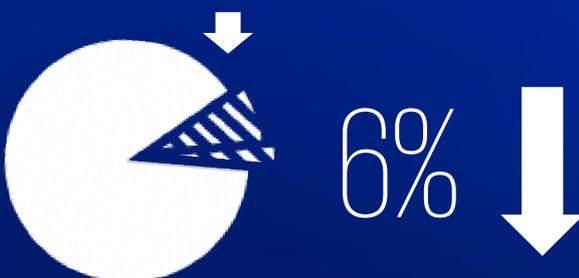


A média do **Crédito vencido** registou um aumento de **20 pontos percentuais para 32,4%** a 31 de Dezembro de 2019

AKZ
vs **55%**

USD

% de desvalorização do Kwanza face ao USD em 2019



O **Crédito Total** decresceu 6% face a 2018, devido à **crise económica, ausência de projectos** relevantes com viabilidade económica para serem dinamizados e atractividade da dívida pública nos últimos anos

Enquadramento macroeconómico

PIB	2019	2020	2021	2022	2023
PIB (US\$ billion) ¹	89.4	62.7	68.1	72.4	78.6
Var. PIB (%) ¹	-0.9	-4.0	3.2	3.0	3.9
Var. PIB-Sector petróleo (%) ¹	-6.6	-6.8	6.1	1.6	1.6
Var. PIB-Sector não-petróleo (%) ¹	1.4	-2.8	2.3	3.5	4.8
Preço do barril de petróleo considerado no OGE (US\$) ²	55	33	-	-	-
Inflação (%) ²	16.9	25.0	-	-	-
Dívida	2019	2020	2021	2022	2023
Dívida pública (% do PIB) ¹	109.2	120.3	107.5	93.8	83.7
Dívida (% do PIB) ¹	76.2	94.0	89.1	78.9	70.8
Rating Soberano ³	Caa1 (data: 8/9/20), Outlook: Estável				

Fonte: ¹FMI [Link](#); ²Ministério das Finanças [Link](#); ³Moody's Investor Service, a 6 Outubro 2020, [Link](#)

O contexto económico sofreu nos últimos meses um choque de proporções e natureza singulares. Importa, por isso, sublinhar a diferença entre o quadro macroeconómico de 2019 e aquele que marcará o mundo e Angola a partir de 2020.

2019, Pré-COVID-19

Depois de um último semestre de 2018 em que se observaram correcções fortes do preço do barril de petróleo, as perspectivas cautelosas para 2019 acabaram por ter uma derivada positiva, com o preço do barril a cotar sistematicamente acima dos USD 60 nos mercados internacionais (Brent), representando assim uma base positiva para a economia nacional e um consequente acréscimo do peso do sector petrolífero na composição do PIB (de 19,6% em 2018 para 27,8% em 2019), apesar do decréscimo constante da produção nacional de crude.

Sendo notícias positivas, a observação da estrutura do PIB continuou contudo a espelhar uma situação de diversificação reduzida, com o peso dos sectores produtivos primário e secundário a teimar em não descolar. Os sectores relacionados com as infra-estruturas viram também o seu peso diminuir, função da menor capacidade de investimento público e privado, apesar das lacunas que se continuam a observar nesta matéria e que tiram competitividade à economia nacional.

Em matéria de importações, registou-se uma redução de 11

pontos percentuais face a 2018, resultado para o qual contribuíram principalmente as categorias de Maquinaria e Equipamento Eléctrico, Alimentos e Combustíveis.

No que toca ao desemprego, a taxa oficial apresentou um agravamento de três pontos percentuais face a 2018 (situando-se em 2019 nos 32%), situação que gera preocupação crescente, quer no que respeita ao caminho de formalização da economia, quer relativamente ao rendimento disponível para os agregados familiares.

Mesmo neste contexto, importa destacar o impacto das políticas macro-financeiras estabelecidas, nomeadamente em matéria cambial e orçamental, que permitiram uma redução da taxa de inflação para 17%.

O ano de 2019 permitiu, também, ver o início ou o reforço da continuidade de alguns *dossiers* estruturais, como a reestruturação da TAAG, o desenvolvimento do concurso para atribuição do quarto título de comunicações universais (vulgo "quarta licença móvel"), o novo modelo de Regulação do Sector Mineiro, o reforço da capacidade e intervenção da Agência Nacional de Petróleo e Gás e o reinício de alguns projectos estruturais de produção energética. Estes processos, entre outros, deverão continuar a permitir a diminuição do peso do Estado e a melhoria das condições competitivas para o sector privado, tendo sido acompanhadas também por importantes reformulações ao nível da própria estrutura do Estado, processo que se prolongará durante 2020.



Destaque aqui para o início do processo de privatizações de empresas públicas (PROPRIV) já em curso, mas também para a fusão e extinção de um conjunto de institutos públicos e unidades técnicas e para o reforço de competências e independência de outras unidades.

Ao nível do investimento privado, continuam contudo a observar-se restrições importantes ao desenvolvimento de um sector privado pujante e competitivo, que permita continuar a diminuir a dependência nacional das importações, em particular num panorama potencial de adesão plena de Angola à zona de comércio livre da SADC. Destas lacunas, destaca-se o acesso a financiamento, apesar de programas de apoio como o PAC, cujos resultados práticos ainda não são visíveis. A este nível importa continuar a reforçar a capacidade do tecido empresarial nacional na formulação de projectos de investimento robustos, que sejam vistos como bancáveis pelas instituições de crédito nacionais.

Impacto COVID-19

Apesar dos planos de contenção, mitigação e recuperação que têm vindo a ser anunciados e implementados, a pandemia provocada pelo coronavírus abalou de forma muito significativa a economia global nas suas mais diversas dimensões.

As medidas de confinamento e distanciamento social desenhadas para conter o contágio do vírus, impactaram muito negativamente os ciclos económicos mundiais, provocando quedas abruptas no PIB e na confiança dos agentes e acentuando a tendência para a inversão do processo de “globalização” económica. As projecções do FMI apontam para uma contracção da economia global em -3% em 2020. Por outro lado, a forma da recuperação futura é ainda incerta (“V”, “U”, “W”, “L”) e muito dependente da evolução da situação de saúde pública e da efectividade da transmissão dos apoios públicos às famílias e às empresas.

A reacção inicial das autoridades angolanas foi igualmente focada na contenção da pandemia, com o encerramento de fronteiras, escolas, retalho, e instauração de períodos de quarentena e regras de distanciamento social.

O efeito combinado da pandemia, com a queda do preço e da produção do petróleo e com uma redução da actividade económica interna, resultou num choque muito significativo nas mais diversas dimensões económicas de Angola (balança comercial, câmbio, inflação, défice público, dívida pública, consumo interno, investimento público e privado).

Em resposta a este contexto, foi revisto o Orçamento Geral do Estado considerando pressupostos mais conservadores quanto ao preço do petróleo (US\$ 33/barril), e incluindo um conjunto de medidas fiscais e monetárias de ajustamento aos impactos da crise. Adicionalmente, procedeu-se a um reescalamento dos compromissos com credores internacionais de forma a aliviar o esforço com o serviço da dívida.

Os dados macroeconómicos relativos ao 1º e 2º trimestre de 2020 evidenciam uma queda do produto de -1.8% e -4.6%, respectivamente (face a período homólogo), projectando-se uma recessão de -3.6% para 2020.

Inevitavelmente, as ondas de choque desta situação irão continuar a atingir o sector bancário, particularmente ao nível do risco de crédito, com o fim da moratória, mas também na posição cambial, em resultado da depreciação do kwanza, e na margem de intermediação financeira, como consequência do aumento da inflação.

O Banco Nacional de Angola alargou as linhas de liquidez de forma a preservar a posição de liquidez dos bancos no contexto da redução de *in-flows* por efeito das moratórias e do aumento de *out-flows* associados ao programa de estímulo da concessão de crédito à economia.

Importa sublinhar o elevado nível de incerteza associado às expectativas quanto ao comportamento futuro da economia mundial e angolana. Será, por isso, crítico monitorizar a evolução da situação de forma a informar de forma tempestiva decisões relativas à gestão dos bancos.



Fernando E. Mascarenhas
Partner, Advisory
E: femascarenhas@kpmg.com



Rodrigo M. Lourenço
Partner, Advisory
E: rmlourenco@kpmg.com



Análise ao sector bancário angolano



Evolução do sector

O desempenho do sector bancário angolano foi marcado pela evolução negativa da conjuntura económica e pelos desafios do país, tanto ao nível da política monetária e cambial, como dos impactos da evolução do preço do petróleo.

O ano de 2019 foi, igualmente, marcado no sector bancário pela realização do exercício de Avaliação de Qualidade dos Activos (AQA) em conjunto com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Este exercício abrangeu 13 instituições financeiras, as quais representavam 92,8% do total dos activos do sistema bancário angolano. O resultado do exercício demonstrou a resiliência do sector, estando as necessidades de recapitalização concentradas, essencialmente, em duas instituições.



Bancarização

O nível de bancarização da população ronda os 40%, percentagem que é relativamente baixa quando comparada com outros países da África Austral. As instituições bancárias têm vindo a reforçar as suas estratégias para captação de novos clientes e manutenção do relacionamento com o mercado e os seus clientes. O Estado Angolano e o BNA têm igualmente feito um esforço significativo para criar programas de inclusão financeira da população e, desta forma, contribuir para o aumento do nível de bancarização da população e aumentar a capacidade da captação dos fluxos da economia informal.

Também as instituições têm vindo a desenvolver programa nesta matéria, que visam associar a inovação e digitalização a uma maior inclusão financeira da população.



Meios de pagamento

Em 2019 verificou-se a continuação do crescimento da utilização de meios de pagamento, tanto ao nível das transacções em TPA como dos ATM. Aliado a esta tendência, o BNA tem em curso um conjunto de iniciativas para continuar a desenvolver os Sistemas de Pagamentos do mercado angolano. Reforçando esta tendência, encontra-se actualmente em curso a dinamização de um conjunto de acções que visam a implementação do Subsistema de Transferências Móveis e Instantâneas. O objectivo deste sistema é disponibilizar serviços de pagamentos acessíveis à população não bancarizada em qualquer ponto do território nacional, que representa uma grande importância no processo integral de bancarização e inclusão financeira.



Produto bancário e rentabilidade

O produto bancário teve uma contracção em 2019 face a 2018, fruto da evolução da margem financeira, mas igualmente do impacto na margem complementar dos resultados cambiais. Em 2018, o efeito positivo dos resultados cambiais teve um efeito decisivo na evolução da *performance* das Instituições. O facto desta situação não se ter repetido com a mesma magnitude em 2019 contribuiu assim para esta evolução.

Aliando esta evolução do produto bancário ao efeito do aumento dos níveis de imparidades, verificou-se uma redução relevante do nível de resultados líquidos das instituições financeiras na ordem dos 73%.



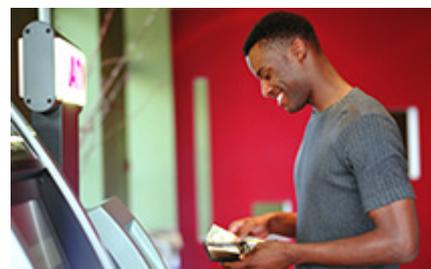
Cost to income

O rácio *cost to income* deteriorou-se cerca de 18% em função da evolução dos rendimentos em 2019, nomeadamente do comportamento dos resultados cambiais. Ainda assim, é de realçar que a queda do rácio não é tão substancial como a queda dos proveitos, facto que demonstra a maior disciplina e enfoque das instituições no controlo e racionalização dos seus custos. De referir que o rácio se mantém a níveis razoáveis face aos *benchmarks* internacionais.

Total dos activos

O total de activos aumentou cerca de 26% face a 2018, sendo o maior crescimento verificado na rubrica de caixa e aplicações em bancos centrais e em outras instituições de crédito. Esta evolução resulta tanto das crescentes exigências em termos de reservas obrigatórias, como da contracção do crédito reflectido no rácio de transformação e da redução do volume de investimento em dívida pública fruto das alterações de estratégia do Estado nesta matéria.

Estes impactos conjugados demonstram a necessidade das Instituições encontrarem alternativas para a gestão da sua liquidez.



Rácio de solvabilidade

O rácio de solvabilidade de 2019 está em linha com 2018, existindo um decréscimo de 0,45 pontos percentuais. Esta evolução demonstra a resiliência do sector, que, apesar do esforço exigido pelo AQA em termos de provisionamento e da redução dos resultados em 2019, conseguiu manter estabilidade em termos do rácio de solvabilidade. Para esta situação terão contribuído, de forma relevante, as medidas de contenção das instituições em termos de distribuição de dividendos, de acordo com as orientações do BNA.





Rácio de transformação

O rácio de transformação tem vindo a baixar continuamente nos últimos anos, fruto da redução do nível de crédito concedido, sendo que a continuação do crescimento do nível de depósitos nos principais bancos também tem contribuído com o crescimento do denominador.

Esta situação representa um risco mas igualmente uma oportunidade num momento em que devem ser tomados passos decisivos para a diversificação da economia e onde a Banca terá um papel muito relevante na disponibilização dos fundos mas igualmente no acompanhamento e dinamização do processo.

Activos em moeda estrangeira



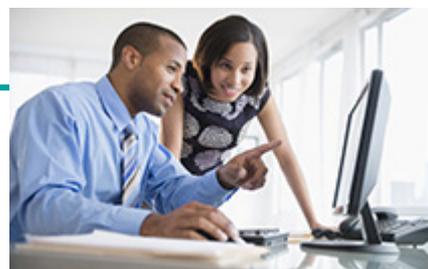
A exposição dos activos em moeda estrangeira representa um risco relevante para a Banca em Angola. Os activos denominados em moeda estrangeira representam cerca de 50% dos activos do sistema bancário angolano em 2019 dos quais 32% relativos a crédito. Esta situação deixa os balanços muito expostos à disponibilidade da moeda estrangeira para liquidação dos empréstimos, situação amplificada pelos efeitos da desvalorização do Kwanza o que contribui para o aumento do risco de imparidade destas exposições. Nesta base, o esforço de redução desta percentagem será crítico para a manutenção da resiliência do sector e salvaguarda da sua solvabilidade.



Títulos e dívida pública

O peso dos títulos e valores mobiliários no total dos activos do sistema bancário mantem-se estável entre 2018 e 2019, com um peso nos activos de cerca de 35%. A estabilidade resulta do facto de este tipo de activos serem, até 2018, uma fonte de rentabilidade e salvaguarda face ao risco cambial em resultado das emissões indexadas ou em moeda estrangeira. A ausência de emissões desta natureza em 2019 acabou por reduzir a sua atractividade para as instituições e conter um pouco o crescimento desta rubrica. Para 2020 a maior ameaça está relacionada com o *downgrade* da dívida de Angola e os seus impactos no modelo de imparidade.

Carteira de crédito e evolução do risco



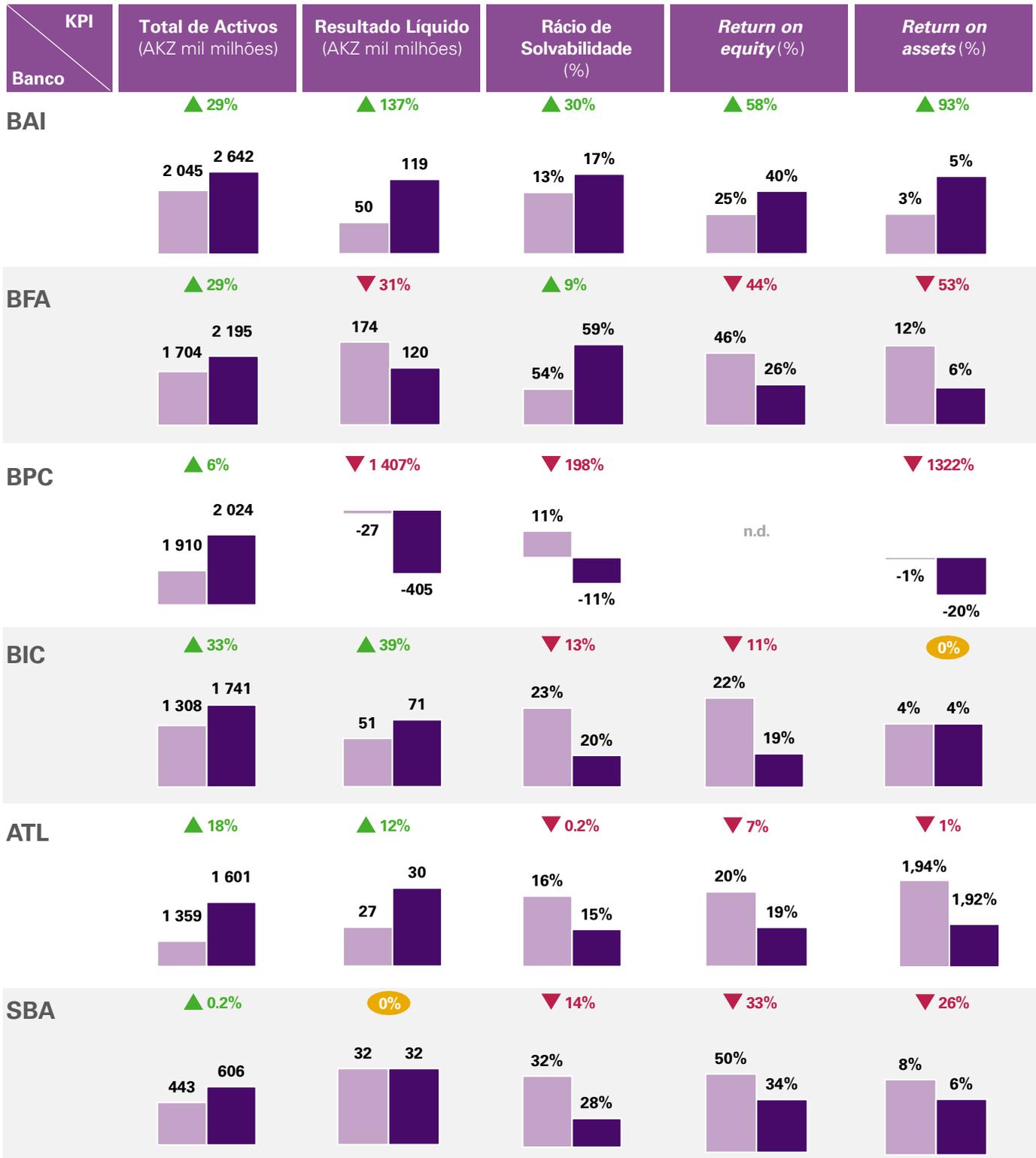
O crédito a clientes tem vindo a perder peso no balanço das instituições financeiras fruto não só da conjuntura económica como pelo esforço de provisionamento que se tem verificado nos últimos anos. O crédito a clientes não é, actualmente, na maioria das instituições a principal rubrica do activo e esta situação afecta igualmente o rácio de transformação.

O rácio de crédito vencido agravou-se em 2019, aumentando cerca de 5% face a 2018 e, por consequência o custo do risco também sofreu um ligeiro aumento quando comparado com 2018, (incremento de 5,2 pontos percentuais face ao ano anterior). Este aumento advém da situação económica menos favorável, que por sua vez teve impacto sobre as responsabilidades do sector empresarial, aumentando consideravelmente os seus níveis de incumprimento.

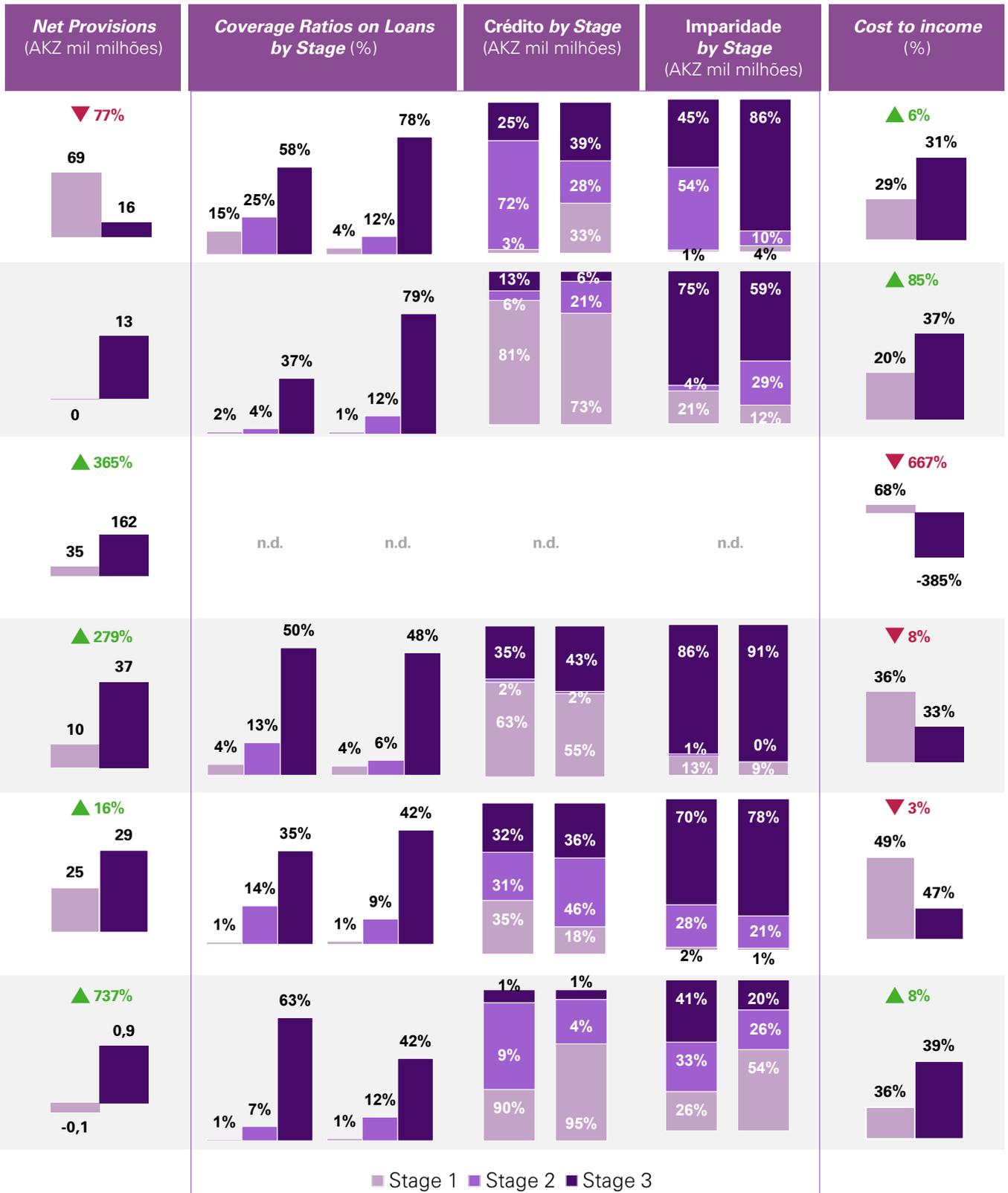
O referido aumento é igualmente reflexo do exercício AQA que implicou uma maior consistência e aplicação de um conjunto de critérios específicos determinados pelo BNA com impacto, por exemplo, nos créditos colateralizados com imóveis.

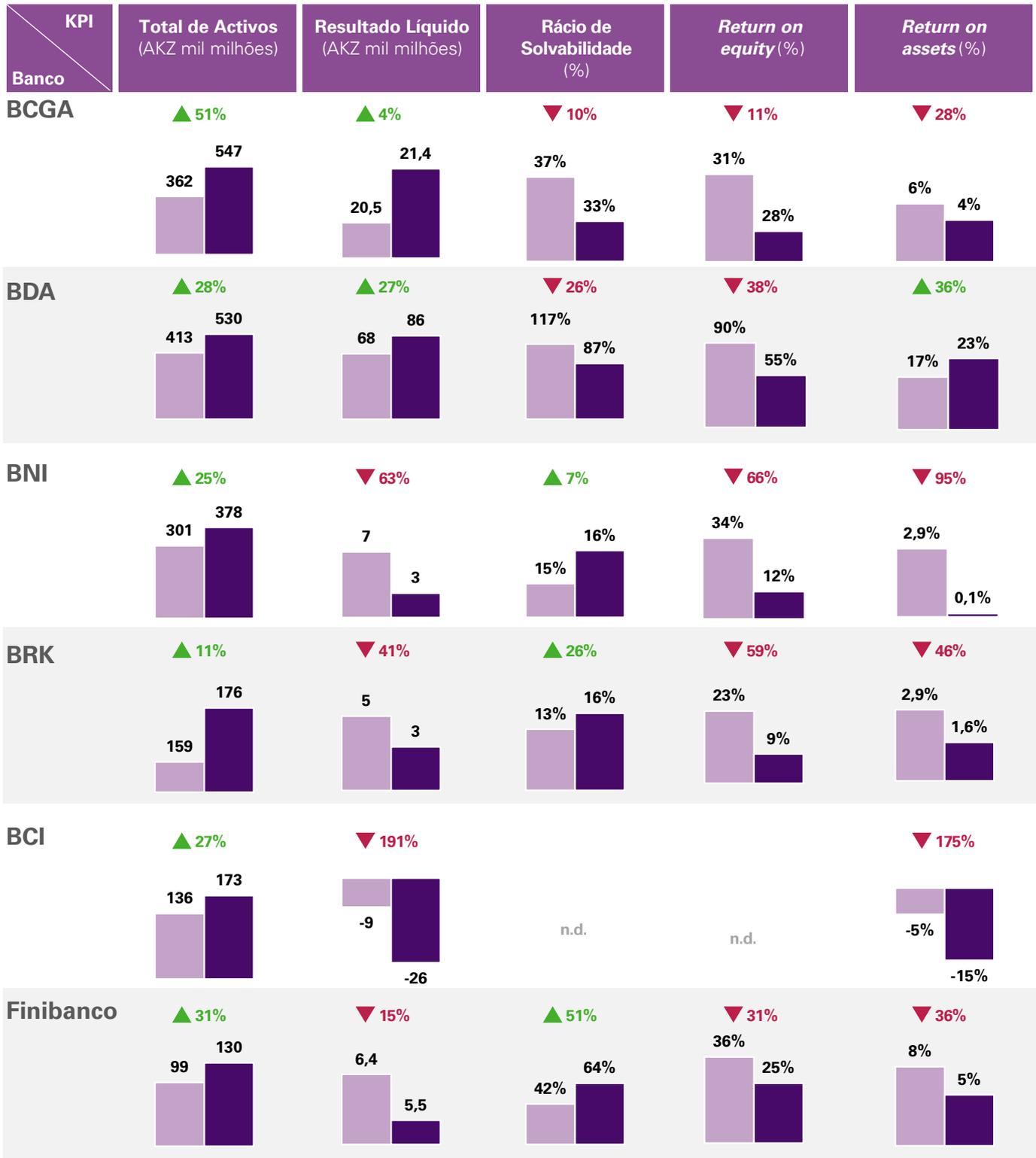


Results snapshot

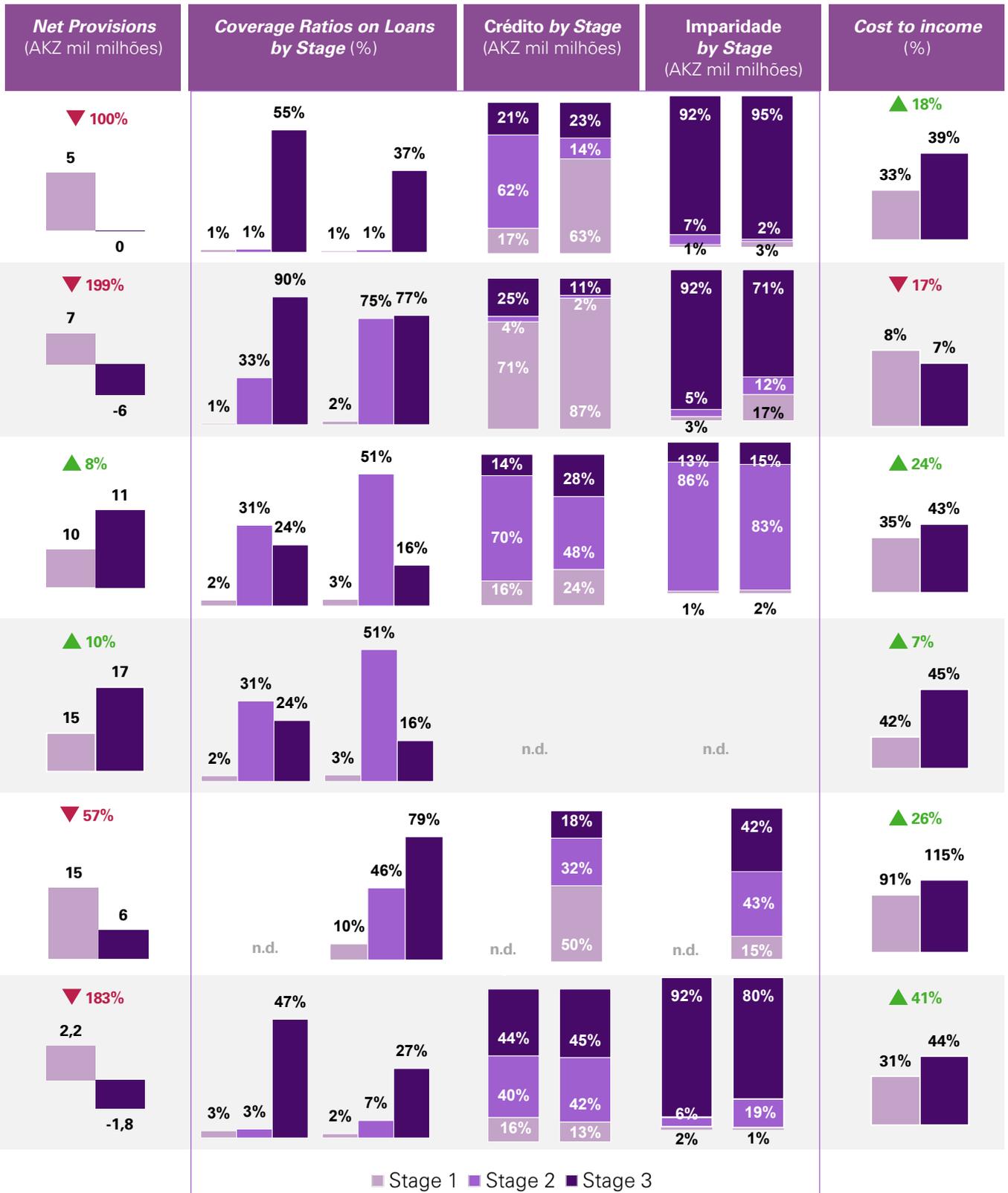


■ 2018 ■ 2019





■ 2018 ■ 2019



A Banca em Angola, um futuro desafiante...

A conjuntura actual da economia tem vindo a degradar-se de forma significativa em função da evolução do preço do petróleo e, igualmente, da pandemia da COVID-19. Esta situação implicou uma revisão do Orçamento Geral do Estado (OGE) permanecendo, ainda assim, um conjunto relevante de desafios e incertezas que terão um papel relevante no crescimento e desenvolvimento do sector bancário em Angola. Entre outros, destacamos o impacto do eventual *downgrade* da dívida soberana de Angola na robustez e resiliência do sector financeiro angolano.

**Conjuntura
económica
desfavorável**



A exigência de supervisão e volume de solicitações às instituições financeiras neste âmbito tem vindo a crescer nos últimos anos. Esta situação irá intensificar-se ainda mais no âmbito do processo de equivalência de supervisão actualmente em curso entre o BNA e o BCE. O crescente escrutínio nas matérias associadas com o *Compliance* mas igualmente com o *Governance*, assume um papel muito relevante na estratégia das instituições no curto e médio prazo. No curto prazo assume particular relevância a forma como será tratado o eventual *downgrade* da dívida soberana de Angola, em termos prudenciais.

**Evolução
regulatória**



As instituições financeiras continuam a focar-se nas necessidades e exigências dos seus clientes e procuram implementar inovações tecnológicas para atingir a vantagem competitiva face aos seus pares. O aumento do enfoque nos canais alternativos e nas operações digitais será a tendência do futuro e terão um papel crítico na diferenciação das instituições.

**Foco na
experiência
de cliente**



Face ao esforço de diversificação da economia que assume um papel crítico na estratégia futura de Angola, as instituições financeiras terão um papel relevante como veículos de escrutínio dos projectos e meios de chegada dos fundos à economia real. No entanto, este papel e todos os desafios que dele resultam terá de ser repartido entre o Estado, as empresas e os Bancos, dado que cada um deles deve cumprir o seu papel neste processo para garantir o seu sucesso.

**Financiamento
da economia**





Eficiência operacional é prioritária

Em consistência com a tendência de anos anteriores, as instituições continuam a procurar melhorar a sua eficiência operativa reduzindo o seu *cost to income*. Num período em que a capacidade de fazer crescer os proveitos apresenta elevados desafios, a capacidade de gerir os custos será crítica para a evolução e resiliência das instituições. A capacidade de transformar o negócio e aproveitar as evoluções tecnológicas será crítica para a melhoria da eficiência operacional.



Rentabilidade do modelo de negócio

Os desafios relacionados com a evolução da margem financeira e a queda dos resultados cambiais e a restrição ao crescimento das comissões tem colocado uma pressão significativa na rentabilidade do negócio.

Nessa base, a procura de produtos alternativos assume grande importância na transformação dos modelos de negócios.



Aumentar a solvabilidade e resiliência

Tendo em consideração os desafios macroeconómicos e os requisitos de reforço dos níveis de solvabilidade/capital, grandes riscos e liquidez implicará uma pressão relevante nos níveis de capital e em consequência nos accionistas, eles próprios afectados com a actual crise económica, o que pode colocar desafios no reforço do capital no sector.



Consolidação do sector

A dimensão do sector financeiro em Angola e os desafios de eficiência, rentabilidade, dimensão e reforço de capital implicarão a necessidade de consolidação do sector nos próximos anos. A dimensão será relevante igualmente para a capacidade das instituições participarem no processo de diversificação de economia.



Digitalização

Existe um enfoque crescente ao nível da digitalização da actividade bancária, tanto na área do *front-office* como nas áreas de *back-office*.

Os bancos têm de avançar no processo de digitalização para continuarem a ser relevantes, ganharem vantagem competitiva e responder aos desafios colocados pelos clientes.



Desafios do sector

A situação económica e as actuais tendências a nível internacional colocam o sector num momento de grandes decisões e transformação. Nessa base, à semelhança dos estudos anteriores, os líderes das três áreas da KPMG apresentam um conjunto de desafios que consideramos críticos no futuro da Banca em Angola e sobre os quais a KPMG se compromete a desenvolver acções específicas ao longo do ano para trazer estes temas para a agenda e ajudar a encontrar soluções para os ultrapassar.



GESTÃO DO RISCO DE CRÉDITO DO ESTADO ANGOLANO

A percepção do aumento do risco do país pelas agências de *rating* internacionais, com base na expectativa da capacidade de o Estado angolano cumprir com as suas responsabilidades geradas pela dívida soberana emitida e financiamentos externos obtidos, leva a que este tema seja de capital importância para a Gestão de Risco de capital, nomeadamente porque estamos num cenário de *downgrade*.

Também o BNA emitiu regulamentação que irá permitir aliviar o impacto inicial em termos de capital, permitindo o diferimento do mesmo em três anos.



CONTROLO INTERNO E GOVERNANCE

O aumento do escrutínio dos reguladores e do mercado sobre as instituições, a nova legislação (Lei de Base das instituições financeiras e avisos sobre Controlo Interno) e o objectivo de equivalência de supervisão por parte do BNA levam a um aumento da pressão sobre as instituições para desenvolverem a sua estrutura de *governance* e funções de controlo.

A capacidade e qualidade com que esta evolução vier a ser efectuada pode vir a ser um factor diferenciador para os clientes, mercados, supervisores, investidores externos, bancos correspondentes e demais *stakeholders*.



COVID-19 – MORATÓRIA

A COVID-19 continuará a impactar negativamente a qualidade de activos dos bancos. A moratória de 60 dias decretada em 30 de Março de 2020 é um (de muitos) desafios que se colocam aos bancos na sequência da COVID-19.

Os dados mais recentes indicam que foram feitos pedidos, principalmente de empresas, no montante de c. US\$55 milhões ao abrigo da moratória.

Neste contexto, os bancos devem robustecer os processos de identificação antecipada de perdas de crédito, permitindo uma actuação o mais cedo

possível junto dos clientes no sentido de fornecer o apoio adequado à mitigação de perdas de crédito. Os bancos devem avaliar em que medida a moratória permite ao devedor reequilibrar a sua posição financeira ou se, por outro lado, apenas atrasa a manifestação de uma perda que deverá ser contabilizada. Os modelos de imparidade devem por isso ser ajustados para capturar adequadamente as perdas da carteira, independentemente da existência ou não de incumprimento por parte dos devedores.



OS DESAFIOS DE CONSOLIDAÇÃO DO SECTOR

Face aos crescentes desafios do sector, nomeadamente em termos de exigências de capital, processos, *governance* e modelo de negócio, a granularidade do sistema financeiro em Angola representa uma enorme oportunidade. A capacidade das instituições agregarem valor por via de fusões e/ou aquisições juntando as suas valências e recursos será chave para o seu crescimento e resiliência num momento em que é necessário um sistema financeiro robusto para apoiar o processo de recuperação e diversificação da economia.



ACOMPANHAMENTO DAS ALTERAÇÕES FISCAIS

Ao longo deste período a que se reporta a Análise do sector bancário da KPMG, o sector bancário enfrentou desafios importantes em matéria tributária, tanto na perspectiva do respectivo impacto nas contas dos bancos e nos custos dos produtos e serviços para clientes, como – não menos importante – na óptica dos custos de *compliance* que estão associados aos temas tributários.

Do ponto de vista das diversas alterações legislativas aprovadas em Julho deste ano, importa destacar – pela relevância que assume no sector financeiro – o aumento da taxa de imposto industrial dos anteriores 30% para 35% para actividades do sector bancário e seguros, ao invés do ocorrido relativamente à generalidade dos contribuintes, para os quais a taxa foi reduzida daqueles 30% para 25%.

Do mesmo modo, merece especial referência o aumento do prazo de reporte de prejuízos fiscais (de três para cinco anos) e o facto de as variações cambiais apenas concorrerem para a determinação do resultado tributável quando sejam

realizadas (ou seja, as variações potenciais ou latentes deixam de ser consideradas).

A par destas matérias decorrentes da “Reforma Tributária” deste Verão, o sector bancário continua a assimilar outros dois importantes desafios na respectiva actividade: por um lado, a implementação do IVA, com impacto relevante dos produtos e serviços bancários, mas também muito importante na perspectiva dos bens e serviços adquiridos pelos próprios bancos; por outro lado, o regime dos preços de transferência, o qual – embora em vigor já há alguns anos – justifica um cuidado especial na perspectiva das relações comerciais dos bancos com as entidades em cujo “Grupo” estejam integrados.

Por estas razões, a par das alterações legais e da evolução da capacidade da AGT em matéria de inspecção tributária, acreditamos que o apoio prestado pelas nossas equipas aos bancos com quem trabalhamos assume cada vez maior relevância.



EFICIÊNCIA OPERACIONAL

Num mundo com uma concorrência acérrima entre instituições financeiras e com a entrada de novos *players* – como, por exemplo, *fintechs* – que diminuem o nível de transacções e rentabilidade, existe uma grande pressão sobre as margens geradas. As alternativas de investimento, o crescimento do preço de produtos e serviços não é elástico e, como tal, as entidades financeiras terão de ser mais eficientes. O processo de transformação, nomeadamente digital, que as entidades iniciaram é uma oportunidade para efectuar um alinhamento do *front-to-back office* e analisar a possibilidade de uma maior integração e automatização, por forma a aumentar a eficiência, eliminar tarefas de baixo valor e redundâncias. Desta forma, um modelo operativo alinhado com a estratégia de negócio do banco e a eliminação de tarefas de baixo valor, irá permitir reduzir custos e libertar recursos para tarefas de valor acrescentado.



PROGRAMA DE PRIVATIZAÇÕES

Espera-se que a concretização do programa de privatizações anunciado pelo Estado possa atrair, para além de capital nacional e internacional, também *know-how* e capacidade de gestão que promovam a diversificação, eficiência e concorrência da economia Angolana. Espera-se que as empresas na esfera privada possam melhorar a sua produtividade, rentabilidade, bem como modelos de governo e *accountability*. Haverá, com certeza, necessidade de

reforçar relações entre bancos e empresas na sua passagem para a esfera privada, originando por isso uma oportunidade para aumentar as relações comerciais dos bancos com essas entidades.

No curto/médio prazo, os bancos têm um papel fundamental no sucesso do programa de privatizações, designadamente na colocação dos activos junto de investidores institucionais e de retalho – particularmente em operações de colocação em bolsa.





PROCESSO DE EQUIVALÊNCIA DE REGULAMENTAÇÃO E SUPERVISÃO BANCÁRIA

Durante 2020, o BNA apresentou ao sistema financeiro a sua intenção de apresentar uma candidatura para obter equivalência de regulamentação e de supervisão junto da União Europeia. Os principais benefícios para a obtenção da equivalência de Supervisão, são: (i) a promoção da convergência e cooperação com os reguladores e com as melhores práticas de supervisão;

(ii) o reforço da credibilidade e transparência do sistema; (iii) o consumo de capital mais ajustado ao modelo de negócio e custos de financiamento inferiores; e (iv) a percepção da melhoria do governo e gestão de risco. O alinhamento dos frameworks de regulamentação Angolana e Europeia vai requerer uma transformação da gestão de risco das instituições financeiras angolanas, sendo os principais desafios:



A atribuição da equivalência de supervisão irá ser um importante contributo para o fomento do investimento

estrangeiro e do desenvolvimento do País.



DADOS E ARQUITECTURAS

O *Data Governance* não é um tema novo para os Bancos. No entanto, o aumento recente dos investimentos em digitalização, em analítica avançada, canais *self-service*, *cloud* e maiores exigências de risco e regulatória resultaram em Arquitecturas Empresariais desadequadas, pois os programas e iniciativas tradicionais de governo de dados não foram devidamente posicionados considerando este novo contexto digital. Adicionalmente, o governo de dados é até percebido como um obstáculo que dificulta a inovação e as metodologias de trabalho ágeis, tornando-a mais lenta e menos eficiente. Mas se os dados não forem confiáveis, não estiverem ajustados aos cenários de negócios e não derem resposta aos requisitos regulatórios, os investimentos em inovação irão com certeza definir. Será necessário ter uma estratégia e as técnicas adequadas para que o Digital e a Inteligência Artificial contribuam para o *Governance*, e reduzam as ineficiências provocadas pela necessidade de gestão massiva de dados

Os *gadgets* e as inovações tecnológicas mais recentes estão por toda a parte e os gestores querem adoptá-los e tirar rapidamente partido para melhorar algum aspecto do seu negócio. Na verdade, tecnologia emergente é o que as empresas pensam que lhes dá uma vantagem na inovação. A combinação de tecnologia emergente com inovação digital

deve dar um impulso muito necessário para acelerar e expandir os negócios, mas os velhos hábitos são difíceis de ultrapassar! Os dados (incluindo a sua qualidade, disponibilidade, tempestividade, relevância, etc) ainda são o "calcanhar de Aquiles" das Tecnologias de Informação, e o governo de dados é um "fardo pesado" que impede as organizações de tirar todo o potencial de inovação.

No entanto, quando incorporam novas tecnologias emergentes, os responsáveis por definir a arquitectura empresarial que optam – em favor da velocidade de curto prazo – por contornar as práticas e políticas de governo de dados e não as incorporam de forma eficiente nas suas arquitecturas de dados e informação, correm o risco de acumular "dívidas técnicas de dados" que irão condicionar estruturalmente estes investimentos.

O governo de dados pode induzir a obtenção de mais-valias adicionais quando é incorporada e automatizada na tecnologia que utilizamos. A inteligência para personalizar essa tecnologia não começa com a análise, mas sim com dados de qualidade e governo adequado. A gestão e o governo de dados são indissociáveis e estão no centro de todos os desafios emergentes da tecnologia digital. Considerar o governo de dados como parte integrante dos requisitos de inovação aprimora a solução que se pretende integrar com *insights* e uma experiência de utilizador positiva que acelera a sua adopção.



INDICADORES ESG E RELATO FINANCEIRO INTEGRADO

Cada vez mais, os investidores e os restantes *stakeholders* apresentam um interesse crescente pelas questões ambientais, sociais e de *governance* (Environment, Social and Governance - ESG). A forma como as empresas respondem às expectativas dos seus *stakeholders* relativamente a ESG tem implicações crescentes. A expectativa dos analistas é que esta tendência acelere à medida que as gerações que cresceram com desafios globais, comecem a exercer um maior poder nas decisões de investimento.



PAPEL DO BALCÃO NUM MUNDO DIGITAL

A pandemia da COVID-19 veio acelerar o processo de transformação digital em todos os sectores de actividade e por todo o globo. Os serviços financeiros, não sendo excepção, tiveram que imprimir um ritmo ainda mais elevado, por forma a continuarem a servir os seus clientes num mundo em que os contactos presenciais foram adstritos ao mínimo e indispensável. Desta forma, o papel do balcão neste novo mundo digital deve ser revisitado, tendo como objectivo proporcionar a melhor experiência de cliente e de forma segura. A adopção de tecnologia que permita ao cliente efectuar as suas visitas e interagir com os colaboradores de um balcão, utilizando sempre que possível os seus próprios *gadgets* tecnológicos e de forma digital, são um imperativo nesta nova realidade. O desenho, coreografia e os processos de um balcão deverão ser redesenhados por forma a proporcionar uma experiência de cliente única e diferenciadora para os vários segmentos que o Banco, de acordo com a sua estratégia, pretenda servir.



TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

As instituições financeiras sempre acompanharam as tendências tecnológicas e foram adaptando os seus modelos de negócio às necessidades dos seus clientes, tendo por base a inovação. A COVID-19 trouxe desafios significativos para a economia e, naturalmente, para as instituições financeiras em geral. Entre os inúmeros desafios, realça-se um aspecto em particular que é o de como interagir com os clientes de forma a contribuir para a construção da confiança, bem como o de fornecer, simultaneamente, serviços de elevada qualidade. Os bancos necessitam de enfrentar estes inúmeros desafios através da transformação digital da experiência com o cliente, reunindo no mesmo esforço inovação e tecnologia e, para alcançar a verdadeira experiência digital, precisam também de ter uma visão holística de todo o trajecto.

Embora algumas instituições bancárias já tenham iniciado este processo de transformação antes da pandemia da COVID-19, é ainda necessário levar a cabo as seguintes etapas para atingir os objectivos desejados:

- Definir a estratégia: esta é uma primeira etapa integral no desenvolvimento do *roadmap* e na identificação de potenciais desafios
- Diversificação da oferta de canais: estender os canais de forma a conceder empréstimos ao consumidor/*corporate*.
- Customização da Simulação de Crédito: reunir informação durante a fase de simulação para análise de casos que

permita ser mais preciso e personalizado nas soluções apresentadas.

- Redução do esforço exigido ao cliente: utilizar as informações existentes sobre o cliente para preencher automaticamente os dados exigidos no pedido de crédito, a fim de reduzir a quantidade de documentação necessária.
- Experiência do cliente melhorada: definir uma jornada completa do cliente, identificando todos os pontos de contacto.
- Gestão integrada e *Omni-channel*: *Save all* processos do Cliente (iniciados, pendentes e concluídos) e permitindo que sejam consultados e/ou prosseguidos em qualquer canal, reduzindo o "touch time", pois o atendimento torna-se mais preciso/eficiente.
- Oferta de serviços complementares: Oferta de serviços complementares ao Cliente após a concessão do crédito, tais como seguros e *asset management*, visando prolongar e reforçar a ligação entre o cliente e o banco.

A KPMG desenvolveu uma metodologia específica para transformação digital, abordando *front-office*, *middle-office* e *back-office* de uma forma integrada.

Os bancos precisam de olhar para esta nova realidade e adaptar a sua abordagem à experiência do cliente; quanto mais rápido for o seu processo de adaptação, maior é a hipótese de sobrevivência e de se destacarem como vencedores.

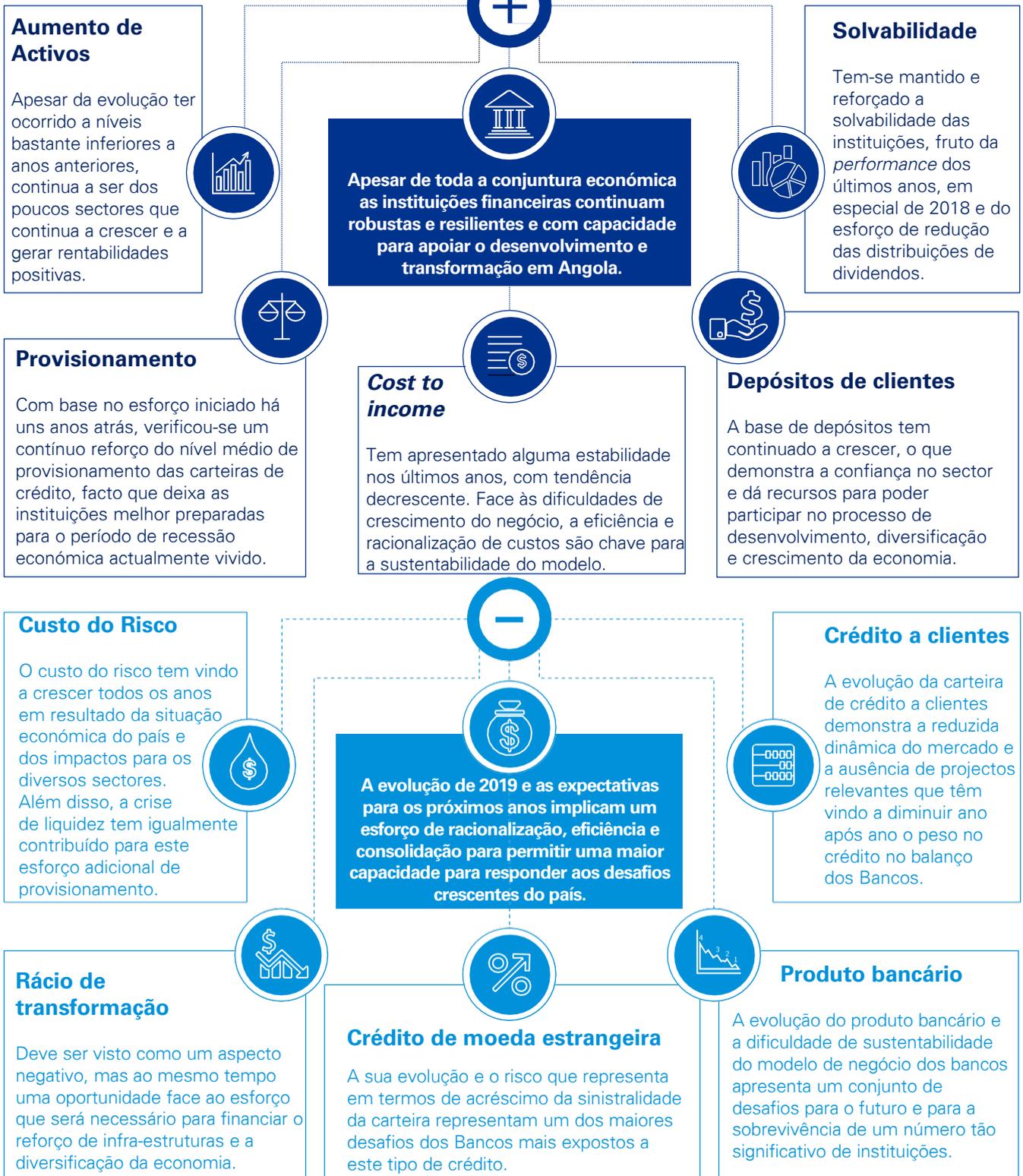






Crescimento e resiliência

Apresentamos os aspectos positivos e negativos mais relevantes que ressaltam do Estudo com referência a 31 de Dezembro de 2019.



Metodologia e fontes de informação

A caracterização do presente documento referente à Análise ao sector bancário angolano encontra-se suportada em dados e análises resultantes de informação pública (Relatórios e Contas), disponibilizada pelas instituições financeiras incluídas no presente estudo, informação obtida no *site* do Banco Nacional de Angola (BNA) e dados obtidos através da Empresa Interbancária de Serviços (EMIS), entre outras fontes.

A análise efectuada baseia-se no somatório dos valores associados às instituições financeiras consideradas no presente estudo. Qualquer excepção a esta abordagem encontrar-se-á devidamente identificada na respectiva análise.

Tendo por base o universo de Bancos Comerciais autorizados a operar em Angola pelo BNA em 2019, a análise e dados utilizados nesta edição contam com uma representatividade de aproximadamente 96% do total das instituições financeiras, não tendo sido possível incorporar qualquer dado referente ao Banco Económico. Consideramos, por isso, estar assegurada a representatividade do Sector na globalidade dos indicadores analisados.

Relativamente aos estudos apresentados em anos transactos, deverá ser dado destaque à exclusão, da população de instituições financeiras analisadas, do Banco Económico face à ausência de disponibilização atempada da sua informação financeira. Adicionalmente foram retiradas três instituições adicionais, que face às suas situações prudenciais terminaram a sua actividade na sequência das orientações do BNA: Banco Mais, Banco Postal e Banco Angolano de Negócios e Comércio.

O estudo deste ano apresenta uma alteração metodológica referente ao tratamento dos dados agregados.

Neste contexto, este estudo pretende ser uma representação fiel do sector bancário angolano, garantindo uma análise quantitativa e qualitativa das suas diferentes dimensões, nomeadamente:

- **Dimensão do Sector** (e.g.: activos, crédito, depósitos, produto bancário, número de balcões, número de empregados);
- **Rentabilidade** (e.g.: resultados líquidos, ROE, ROAA);
- **Eficiência** (e.g.: *cost to income*);
- **Alavancagem** (e.g.: rácio de transformação); e
- **Solidez** (e.g.: solvabilidade).





As instituições que constam no nosso estudo são analisadas conforme segue:

Instituição Financeira		
Banco		Ano
BPC	BANCO DE POUPANÇA E CRÉDITO	1975
BCI	BANCO DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA	1991
BCGTA	BANCO CAIXA GERAL TOTTA DE ANGOLA	1993
BFA	BANCO DE FOMENTO ANGOLA	1993
BAI	BANCO ANGOLANO DE INVESTIMENTOS	1996
BCA	BANCO COMERCIAL ANGOLANO	1999
BSOL	BANCO SOL	2001
BE	BANCO ECONÓMICO(1)	2001
KEVE	BANCO REGIONAL DO KEVE	2003
BMF	BANCO BAI MICRO-FINANÇAS	2004
BIC	BANCO BIC	2005
ATL	BANCO MILLENIUM ATLÂNTICO(2)	2006
BNI	BANCO DE NEGÓCIOS INTERNACIONAL	2006
BDA	BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE ANGOLA	2006
VTB	BANCO VTB-ÁFRICA	2006
FNB	FINIBANCO ANGOLA	2008
BKI	BANCO KWANZA DE INVESTIMENTO	2008
SBA	STANDARD BANK	2008
BCH	BANCO COMERCIAL DO HUAMBO	2010
BVB	BANCO VALOR	2011
SCBA	STANDARD CHARTERED BANK DE ANGOLA	2014
BIR	BANCO RURAL	2013
BPG	BANCO PRESTÍGIO	2015
YETU	BANCO YETU	2015
BCS	BANCO DE CRÉDITO DO SUL	2015
BOCLB	BANCO DA CHINA LIMITADA - SUCURSAL EM LUANDA	2017

(1) O Banco Económico, S.A. surge da redenominação do Banco Espírito Santo Angola S.A. ocorrida em 2014, após as medidas de saneamento aplicadas pelo BNA.

(2) Em 2016, o Banco Millennium Angola, S.A. e o Banco Privado Atlântico, S.A. fundiram-se, dando origem ao Banco Millennium Atlântico, S.A..

Fonte: BNA e Relatórios e Contas dos Bancos

Bank rankings

Ranking Total de Activos

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	2 044 595	1	BAI	2 641 703
2	BPC	1 909 676	2	BFA	2 195 058
3	BFA	1 703 728	3	BPC	2 024 089
4	ATL	1 358 772	4	BIC	1 740 931
5	BE	1 357 610	5	ATL	1 601 479
6	BIC	1 307 706	6	SBA	606 237
7	BSOL	532 261	7	BSOL	602 708
8	BDA	413 124	8	BCGA	547 100
9	SBA	443 247	9	BDA	529 629
10	BCGA	362 281	10	BNI	377 772
11	BNI	301 158	11	VTB	184 705
12	KEVE	159 442	12	KEVE	176 206
13	BCI	135 920	13	BCI	173 266
14	FNB	99 421	14	FNB	129 874
15	VTB	91 709	15	BCS	106 798
16	BCA	59 862	16	BCA	93 470
17	BCS	59 203	17	BIR	80 533
18	BVB	45 502	18	BVB	64 275
19	SCBA	45 050	19	SCBA	51 085
20	BCH	37 797	20	BCH	45 665
21	BPG	28 711	21	YETU	42 490
22	YETU	22 998	22	BPG	41 170
23	BIR	15 036	23	BMF	21 289
24	BMF	14 844	24	BOCLB	14 348
25	BKI	14 805	25	BKI	10 432
26	BOCLB	8 175	26	BE*	n.d.

*Banco ainda não divulgou as Demonstrações Financeiras.
Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas).



Ranking Rácio de transformações (Crédito líquido/depósitos totais)

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIR	81%	1	BIC	47%
2	BPC	57%	2	BSOL	46%
3	BIC	43%	3	KEVE	43%
4	BSOL	41%	4	ATL	36%
5	BCI	41%	5	BNI	28%
6	ATL	40%	6	FNB	26%
7	KEVE	38%	7	BCI	25%
8	BNI	34%	8	BCGA	25%
9	BCA	33%	9	SBA	21%
10	FNB	33%	10	BFA	20%
11	BCGA	29%	11	BAI	20%
12	BCS	26%	12	BIR	19%
13	BFA	24%	13	BCS	18%
14	BAI	21%	14	BCA	18%
15	BVB	19%	15	BVB	14%
16	YETU	18%	16	BMF	7%
17	SBA	16%	17	YETU	6%
18	BPG	12%	18	BPG	5%
19	BE	12%	19	VTB	4%
20	BCH	9%	20	SCBA	4%
21	BMF	9%	21	BOCLB	3%
22	BKI	1%	22	BPC	3%
23	VTB	0%	23	BKI	1%
24	BOCLB	0%	24	BCH	0%
25	SCBA	0%	25	BDA*	n.d.
26	BDA	0%	26	BE**	n.d.

Ranking Crédito Líquido a Clientes

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BPC	684 388	1	BIC	563 100
2	ATL	420 265	2	BAI	448 712
3	BIC	396 255	3	ATL	442 701
4	BAI	373 253	4	BFA	327 937
5	BFA	295 842	5	BSOL	219 326
6	BSOL	167 121	6	BDA	147 654
7	BE	124 538	7	BCGA	112 377
8	BDA	96 041	8	SBA	91 505
9	BNI	86 888	9	BNI	87 423
10	BCGA	79 856	10	KEVE	51 285
11	SBA	53 697	11	BCI	45 684
12	BCI	50 132	12	BPC	41 725
13	KEVE	49 687	13	FNB	22 786
14	FNB	22 175	14	BCS	11 734
15	BCA	11 712	15	BIR	9 917
16	BCS	7 675	16	BCA	7 649
17	BVB	6 467	17	BVB	6 305
18	BIR	5 150	18	VTB	5 659
19	YETU	2 198	19	YETU	1 602
20	BCH	1 317	20	BPG	1 381
21	BMF	594	21	SCBA	1 214
22	BPG	524	22	BMF	850
23	BKI	48	23	BOCLB	170
24	VTB	8	24	BCH	70
25	BOCLB	0	25	BKI	25
26	SCBA	0	26	BE**	n.d.

*Sem qualquer operação de captação de depósitos.

**Banco ainda não divulgou as DFs

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens e em milhões de Kwanzas).

Ranking Depósitos de Clientes

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	1 807 522	1	BAI	2 285 012
2	BFA	1 232 128	2	BFA	1 622 898
3	BPC	1 211 167	3	BPC	1 440 365
4	BE	1 059 122	4	ATL	1 234 986
5	ATL	1 042 925	5	BIC	1 202 785
6	BIC	920 696	6	BSOL	478 737
7	BSOL	406 024	7	BCGA	457 217
8	SBA	336 812	8	SBA	432 183
9	BCGA	279 856	9	BNI	310 677
10	BNI	254 281	10	BCI	185 153
11	KEVE	129 165	11	VTB	145 239
12	BCI	123 187	12	KEVE	120 640
13	FNB	68 080	13	FNB	86 951
14	VTB	56 839	14	BCS	64 501
15	BCA	35 762	15	BIR	53 461
16	BVB	34 485	16	BVB	45 934
17	SCBA	32 224	17	BCA	43 169
18	BCS	29 652	18	SCBA	33 491
19	BCH	14 448	19	BPG	26 773
20	YETU	11 885	20	YETU	24 774
21	BMF	6 872	21	BCH	18 268
22	BIR	6 352	22	BMF	12 493
23	BKI	5 935	23	BOCLB	5 048
24	BPG	4 291	24	BKI	2 027
25	BOCLB	410	25	BDA*	n.d.
26	BDA*	n.d.	26	BE**	n.d.

Ranking Capitais Próprios

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	378 501	1	BFA	462 206
2	BIC	234 000	2	BIC	363 719
3	BAI	199 209	3	BAI	298 166
4	BPC	138 820	4	ATL	163 318
5	ATL	135 039	5	BDA	156 476
6	BDA	75 656	6	SBA	95 666
7	BE	72 856	7	BCGA	76 607
8	BCGA	65 293	8	BSOL	42 440
9	SBA	64 858	9	BCS	33 847
10	BSOL	39 220	10	BCA	29 761
11	BCS	23 200	11	KEVE	29 490
12	KEVE	20 347	12	BCH	24 760
13	BCA	20 178	13	FNB	22 028
14	BNI	19 778	14	BNI	21 582
15	FNB	17 928	15	VTB	18 514
16	BCH	17 647	16	BVB	14 943
17	VTB	16 324	17	BIR	14 770
18	YETU	10 645	18	YETU	14 359
19	BVB	10 172	19	BPG	12 004
20	BPG	9 935	20	SCBA	8 650
21	SCBA	8 884	21	BMF	8 077
22	BIR	8 524	22	BKI	7 119
23	BMF	7 675	23	BOCLB	6 829
24	BKI	7 634	24	BCI	-40 962
25	BOCLB	7 575	25	BPC	-82 120
26	BCI	-9 921	26	BE**	n.d.

*Sem qualquer operação de captação de depósitos.

**Banco ainda não divulgou as DFs

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas).



Ranking Produto Bancário

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	280 169	1	BIC	272 728
2	BIC	191 040	2	BAI	215 257
3	BAI	178 511	3	BFA	209 869
4	BE	143 295	4	BDA	123 994
5	ATL	105 691	5	ATL	110 995
6	BPC	97 643	6	SBA	61 106
7	BDA	84 173	7	BSOL	48 125
8	BSOL	66 424	8	BCGA	39 382
9	SBA	56 648	9	BNI	38 882
10	BNI	43 556	10	KEVE	35 132
11	BCGA	39 053	11	BCS	26 888
12	KEVE	34 296	12	BCI	20 283
13	BCS	23 856	13	BCA	17 555
14	BCI	20 477	14	VTB	15 425
15	FNB	15 096	15	FNB	13 427
16	VTB	13 722	16	BVB	10 602
17	BCA	13 674	17	BIR	10 477
18	BCH	9 653	18	BCH	10 172
19	BVB	7 717	19	YETU	9 357
20	BPG	6 000	20	BPG	8 375
21	YETU	4 854	21	SCBA	4 221
22	BKI	4 572	22	BMF	2 955
23	SCBA	4 320	23	BKI	883
24	BMF	2 201	24	BOCLB	-110
25	BIR	1 438	25	BPC	-15 351
26	BOCLB	49	26	BE*	n.d.

Ranking Resultados Líquidos

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	174 259	1	BFA	119 940
2	BDA	67 717	2	BAI	118 733
3	BIC	51 004	3	BDA	86 312
4	BAI	50 066	4	BIC	70 657
5	BE	36 374	5	SBA	32 128
6	SBA	32 323	6	ATL	30 465
7	ATL	27 225	7	BCGA	21 383
8	BCGA	20 549	8	BCS	14 647
9	BCS	11 599	9	BCA	10 890
10	BCA	8 082	10	VTB	8 679
11	VTB	7 209	11	BCH	7 164
12	BNI	6 770	12	BIR	5 572
13	BCH	6 630	13	FNB	5 501
14	FNB	6 449	14	BVB	5 423
15	KEVE	4 603	15	YETU	4 483
16	BSOL	4 493	16	BSOL	4 049
17	BVB	4 015	17	BPG	3 576
18	BPG	2 664	18	KEVE	2 703
19	YETU	2 539	19	BNI	2 502
20	BKI	2 378	20	BMF	402
21	SCBA	1 372	21	BKI	-515
22	BMF	239	22	SCBA	-822
23	BIR	202	23	BOCLB	-1 715
24	BOCLB	-1 219	24	BCI	-26 190
25	BCI	-8 993	25	BPC	-404 732
26	BPC	-26 852	26	BE*	n.d.

* Banco ainda não divulgou as DFs.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de Kwanzas).

Ranking Margem Financeira em % de activos

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BVB	12,9%	1	BVB	13,4%
2	BSOL	11,4%	2	BCH	11,1%
3	BMF	11,1%	3	BMF	8,4%
4	BCH	9,9%	4	BCI	7,4%
5	BKI	9,6%	5	BFA	7,0%
6	BCI	8,4%	6	YETU	6,9%
7	SBA	8,2%	7	BKI	6,9%
8	SCBA	7,6%	8	BIR	6,7%
9	BCS	7,2%	9	SCBA	6,7%
10	YETU	7,1%	10	SBA	6,5%
11	BFA	6,9%	11	KEVE	5,3%
12	FNB	6,7%	12	BIC	5,2%
13	BIR	6,2%	13	FNB	4,9%
14	BCGA	5,9%	14	BCA	4,6%
15	BCA	5,6%	15	BCGA	4,5%
16	KEVE	5,6%	16	BDA	4,4%
17	BIC	5,1%	17	BCS	4,2%
18	ATL	4,9%	18	ATL	4,1%
19	BNI	4,3%	19	BAI	3,9%
20	BAI	4,2%	20	BNI	3,0%
21	BPC	2,9%	21	BPG	2,2%
22	BE	2,4%	22	BSOL	0,0%
23	VTB	0,5%	23	VTB	-0,2%
24	BOCLB	0,0%	24	BOCLB	-0,6%
25	BDA	-0,5%	25	BPC	-0,6%
26	BPG	-2,2%	26	BE*	n.d.

Ranking Rentabilidade dos Activos (ROAA) %

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCS	27,2%	1	BDA	22,5%
2	BCH	21,9%	2	BCS	18,3%
3	BKI	20,2%	3	BCH	18,2%
4	BDA	16,6%	4	YETU	12,5%
5	BCA	15,0%	5	BCA	11,7%
6	BFA	12,5%	6	BPG	10,9%
7	BPG	11,4%	7	BVB	9,9%
8	VTB	11,3%	8	BIR	7,0%
9	YETU	11,0%	9	VTB	6,5%
10	BVB	10,1%	10	SBA	5,9%
11	FNB	8,2%	11	BFA	5,8%
12	SBA	7,9%	12	FNB	5,3%
13	BCGA	6,0%	13	BAI	5,0%
14	BIC	4,1%	14	BIC	4,4%
15	BE	3,0%	15	BCGA	4,3%
16	SCBA	3,0%	16	ATL	1,9%
17	KEVE	2,9%	17	BMF	1,9%
18	BNI	2,9%	18	KEVE	1,6%
19	BAI	2,6%	19	BNI	0,1%
20	ATL	1,9%	20	SCBA	-1,6%
21	BMF	1,6%	21	BKI	-4,9%
22	BIR	1,3%	22	BOCLB	-12,0%
23	BSOL	0,8%	23	BCI	-15,0%
24	BPC	-1,4%	24	BPC	-20,0%
25	BCI	-5,4%	25	BSOL	0,0%
26	BOCLB	-14,9%	26	BE*	n.d.

* Banco ainda não divulgou as DFs.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens).



Ranking Rentabilidade dos Fundos próprios de base (ROE) %

2018			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	90%	1	BDA	55%
2	BCS	50%	2	VTB	47%
3	BE	50%	3	BCS	43%
4	SBA	50%	4	BAI	40%
5	BFA	46%	5	BIR	38%
6	VTB	44%	6	BCA	37%
7	BCA	40%	7	BVB	36%
8	BVB	39%	8	SBA	34%
9	BCH	38%	9	YETU	31%
10	FNB	36%	10	BPG	30%
11	BNI	34%	11	BCH	29%
12	BCGA	31%	12	BCGA	28%
13	BKI	31%	13	BFA	26%
14	BPG	27%	14	FNB	25%
15	BAI	25%	15	BIC	19%
16	YETU	24%	16	ATL	19%
17	KEVE	23%	17	BNI	12%
18	BIC	22%	18	BSOL	10%
19	ATL	20%	19	KEVE	9%
20	SCBA	15%	20	BMF	5%
21	BSOL	11%	21	BKI	-7%
22	BMF	3%	22	SCBA	-9%
23	BIR	2%	23	BOCLB	-25%
24	BOCLB	-16%	24	BCI	n.a.
25	BPC	-19%	25	BE*	n.d.
26	BCI	n.a.	26	BPC	n.a.

* Banco ainda não divulgou as DFs.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens).





Contactos

Vitor Ribeirinho
Head of Audit & Assurance
T: +244 227 280 101
E: vribeirinho@kpmg.com

Inês Filipe
Chief Executive Officer
T: +244 227 280 103
E: ifilipe@kpmg.com

Luís Magalhães
Head of Tax
T: +244 227 280 101
E: lmagalhaes@kpmg.com

Nasser Sattar
Head of Advisory
T: +244 227 280 101
E: nsattar@kpmg.com

A informação contida neste documento é de natureza geral e não se aplica a nenhuma entidade ou situação particular. Apesar de fazermos todos os possíveis para fornecer informação precisa e actual, não podemos garantir que tal informação seja precisa na data em que for recebida/conhecida ou que continuará a ser precisa no futuro. Ninguém deve actuar de acordo com essa informação sem aconselhamento profissional apropriado para cada situação específica.

© 2020 KPMG Angola – Audit, Tax, Advisory, S.A., a firma angolana membro da rede KPMG, composta por firmas independentes afiliadas da KPMG International Cooperative (“KPMG International”), uma entidade suíça. Todos os direitos reservados. Impresso em Angola. O nome KPMG e logótipo são marcas registadas ou marcas registadas da KPMG Internacional.



[Browse the
English version](#)

Welcome



Welcome to another edition of the Angolan banking sector analysis, a KPMG Angola initiative that in recent years has become one of the country's leading sources of financial sector information.

In addition to the usual provision of information on the progress of the key indicators of Angolan financial institutions, our study this year addresses "The challenging future for banking in Angola" and seeks to present a set of challenges, which in KPMG's standpoint, and given the current context, may be critical and also structural in the future of banking and simultaneously of Angola.

And also because this study comes at a difficult time for the Angolan and World economy, we seek that it may contribute to tackling what is the greatest effort of convergence and collective commitment that at some other point in history was necessary so that the country and the banking sector in particular may combat and overcome the effects of the current pandemic situation.

Due to their role in society, their capacity and their resources, financial institutions are and will be a key element in supporting and developing economies and therefore a decisive element in the success of any development and diversification strategies, specifically to combat the current environment.

In the specific case of Angola, the Banks should not only continue to be the driving force of the economy but will certainly be the main drivers of the necessary modernisation and diversification of the economy, also contributing to the Angolan Government's ambition. However, as the study clearly shows, Angolan institutions also continue to face a large number of challenges, the first

of which is the response to the impact on their business in the current unfavourable economic climate in local and international terms, and the second and no less important are the growing regulatory demands that impose a continuous need for investment in their processes and their empowerment. In a third dimension, I would also highlight the need to tailor their business models in response to the challenges presented by the market and the customers, which may require further strengthening of the sector. Last but not least, the challenge of managing its balance sheet, with emphasis on the current development of Angola's rating and its impact on sovereign debt, which represents a significant percentage of the assets of financial institutions and their customers in Angola.

For all these reasons, KPMG believes that this is the key moment to make these reflections and support the different stakeholders in defining the strategy and priorities for the coming periods. Therefore, and like previous studies, the leaders of KPMG's three functions present a set of challenges that we consider critical for the future of banking in Angola and on which we have undertaken to develop over the next twelve months specific actions aimed at placing on the agenda and helping to find the solutions to overcome them.

Vitor da Cunha Ribeirinho

Head of Audit & Assurance



This work is supported by data and analyzes resulting from public information made available by financial institutions (Reports and Accounts), by the Banco Nacional de Angola (BNA) and by the Empresa Interbancária de Serviços (EMIS), among other sources.

[For more information](#) ▶

▶ *[Navegue na versão em português](#)*

The challenging future for banking in Angola



Talking about banking in Angola has always been challenging... **so, what can we expect for 2021?**

A country in economic recession, as a result of several variables, including the one that has the greatest impact, a decrease in the price of oil in past years combined with a decrease in the volume of barrels produced daily, in an economy that still largely depends on this sector, which contributes over 90% to national GDP.

An imperative need to **maintain foreign currency reserves** at values that do not place Angola at risk of default to meet its commitments abroad, which necessarily implies a restraint in terms of the country's imports, given that the volume of non-oil exports is still incipient;

A currency devaluation policy, in order to discourage imports and consequently reduce/adjust the country's currency needs, as well as making the informal foreign exchange market less attractive, so that all transactions go through the financial system;

Controlling and reducing inflation, one of the most fundamental challenges for the country, which strongly depends on the monetary policy of the Central Bank and is conditioned by the real economy structure.

The investment capacity in internal production areas. In relation to this point, there are several measures taken by the Government and by the BNA, with incentives to grant credit to productive sectors, namely the fixing of the level of interest rates at 7.5% and consequent benefits in terms of minimum bank reserves.

At this point, **the role of Banks is fundamental**, in order that a set of measures are supported, facilitating the existence of private and State investment.

However, it is necessary to safeguard against **the risks that the granting of credit entails** within a financial institution. Thus, **the challenges for the financial sector** are of various dimensions: development of the technical skills of its employees, development of appropriate methodologies for managing credit risk, as well as the implementation of a culture of managing this risk end-to-

-end, in the credit process, in order to evaluate from the moment of granting credit, through its monitoring, until its recovery.

The challenges for Angolan banking now also present another dimension: **Credit Risk Management for the Angolan State.** This dimension has a very relevant impact for this last semester of 2020, as well as for 2021 and subsequent years. The perception of the increase in country risk by international rating agencies, based on the expectation of the Angolan State's ability to fulfill its responsibilities generated by the sovereign debt issued and external financing obtained, which makes this topic of capital importance for the Bank Risk Management, given that they are an extremely important channel for State financing, with the acquisition of the same debt issued by the State.

The **balance between financing the State and financing the real economy** is fundamental for Angola, given that finding the point of this matrix is certainly not an easy task.

Maintaining **capital ratios** at levels that allow Angolan Banks to accommodate future losses, without jeopardizing the financial market, should be a priority. Here, several measures should be considered: capital increases by shareholders, opening of capital to new entities, mergers between institutions, improvement in cost benefit ratios, asset and liability management that promotes banking strength in Angola.

KPMG Angola, considering all these variables of the Angolan market, brings in its **2020 analysis, 12 challenges for the sector that, in our opinion, will contribute to the development of the financial sector in Angola.**

Inês Filipe

Chief Executive Officer



Contents

**Sector
key financial values** 06

08 **Macroeconomic
framework**

**Angolan banking
sector analysis** 10

14 **Results
snapshot**

**Banking in Angola,
a challenging
future...** 18

20 **Challenges of
the sector**

**Growth and
resilience** 25

26 **Methodology and
sources of
information**

**Bank
rankings** 28



Sector key financial values



Significant drop in results, due to the decrease in **foreign exchange results** and the reinforcement of **provisioning levels** (AQA)



Marginal **decrease** in the **solvency ratio** (0.45%), due to the **stabilization measures adopted**, remaining above the required regulatory minimums



Total assets grew around 26%, with a focus on investment and securities



Significant drop in both indicators (-70%) due to the performance of the results, which decreased approximately 73%



Transformation ratio (2% variation compared to 44% in 2018) which shows the effect of the slowdown in the granting of credit, as a result of the current economic environment



Overall, the **cost to income** ratio increased 18%, reaching an average of 36% compared to 30.3% in 2018, **due to the decreasing behaviour of income**



Net provision on loans

It increased **40 percentage points** as a result of the evolution of the macro situation and the provisioning effort of AQA



35%

% of total assets is public debt

It represents the largest % of total assets, considering its profitability and exchange rate safeguard effect (for indexed issues)



The average of **overdue loans** increased from **20 percentage points** to **32.4%** as of 31 December 2019

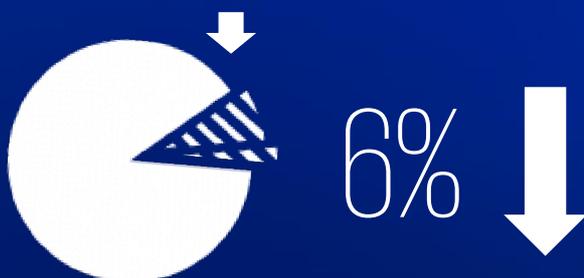
AKZ

vs

55%

USD

% of devaluation of the Kwanza against the USD in 2019



Total loans decreased 6% compared to 2018, due to the **economic crisis, the absence of relevant projects** with economic viability to be boosted and the attractiveness of public debt in recent years



Macroeconomic framework

GDP	2019	2020	2021	2022	2023
GDP (US\$ billion) ¹	89.4	62.7	68.1	72.4	78.6
GDP growth (%) ¹	-0.9	-4.0	3.2	3.0	3.9
Var. GDP-Oil sector (%) ¹	-6.6	-6.8	6.1	1.6	1.6
Var. GDP-Non-Oil sector (%) ¹	1.4	-2.8	2.3	3.5	4.8
Oil price considered in the State Budget (US\$) ²	55	33	-	-	-
Inflation (%) ²	16.9	25.0	-	-	-
Debt	2019	2020	2021	2022	2023
Public debt (% of GDP) ¹	109.2	120.3	107.5	93.8	83.7
External debt (% of GDP) ¹	76.2	94.0	89.1	78.9	70.8
Sovereign Credit rating ³	Caa1 (date:8/9/20), Outlook: Stable				

Source: ¹FMI [Link](#); ²Ministério das Finanças [Link](#); ³Moody's Investor Service, as on 6 October 2020, [Link](#)

The economic context has suffered in recent months a shock of singular proportions and nature. It is therefore important to underline the difference between the macroeconomic framework of 2019 and the one that will mark the world and Angola from 2020.

2019, Pre-COVID-19

After the last semester of 2018 in which there were strong corrections in the price of the oil barrel, the cautious outlook for 2019 ended up having a positive trend, with the price of the barrel systematically quoting above USD 60 in international markets (Brent), thus representing a positive basis for the national economy and a consequent increase in the weight of the oil sector in the composition of GDP (from 19.6% in 2018 to 27.8% in 2019), despite the constant decrease in national crude production.

Regardless of the positive news, the observation of the GDP structure continued, however, to reflect a situation of reduced diversification, with the weight of the primary and secondary productive sectors insisting on not taking off. The sectors related to infrastructures have also seen their weight decrease, due to the lower capacity for public and private investment, despite the gaps that continue to be observed in this matter and that make competitiveness to the national economy.

In terms of imports, there was a 11% decrease compared to

2018, mainly caused by the categories of Electrical Machinery, Equipment, Food and Fuels.

Regarding unemployment, the official rate worsened 3% compared to 2018 (standing at 32% in 2019), a situation that generates growing concern both in terms of the formalization of the economy and the disposable income for households.

Even in this context, it is important to highlight the impact of the established macro-financial policies, namely in terms of exchange rate and budget, which allowed a decrease in inflation rate to 17%.

2019 also made it possible to see the beginning or reinforcement of the continuity of some structural portfolios, such as the restructuring of TAAG, the development of the tender for the award of the fourth title of universal communications (fourth mobile license), the new Regulation of the Mining Sector model, the strengthening of the capacity and intervention of the National Oil and Gas Agency and the restart of some structural energy production projects. These processes, among others, shall continue to allow the decrease of the weight of the State and the improvement of competitive conditions for the private sector, having also been accompanied by important reformulations in terms of the structure of the State itself, a process that will continue during 2020.



We highlight the start of the privatization process of public companies (PROPRIV) already in progress, but also the merger and extinction of a set of public institutes and technical units, and the strengthening of competences and independence of other units.

In terms of private investment, however, there are still important restrictions to the development of a strong and competitive private sector, which will allow the national dependence on imports to continue to be reduced, specially in a potential scenario of Angola's full accession to the SADC free trade area. Of these gaps, access to finance stands out, despite support programs like PAC, whose practical results are not yet visible. At this level, it is important to continue strengthening the capacity of national businesses to create strong investment projects, that are seen as bankable by national credit institutions

COVID-19 impact

Despite the plans for containment, mitigation and recovery that have been announced and implemented, the pandemic caused by the coronavirus has very significantly shaken the global economy in several dimensions.

The measures of confinement and social distance designed to contain the spread of the virus had a very negative impact on global economic cycles, causing abrupt falls in GDP and in the confidence of agents and accentuating the tendency for the reversal of the process of economic "globalization". IMF projections point to a -3% contraction of the global economy in 2020. On the other hand, the shape of the future recovery is still uncertain ("V", "U", "W", "L") and very dependent on the evolution of the public health situation and the effectiveness of public support to families and companies.

The initial reaction of the Angolan authorities was also focused on containing the pandemic, with the closure of borders, schools, retail, and the establishment of quarantine periods and rules of social distancing.

The combined effect of the pandemic, with the fall in oil prices and production and a decrease in domestic economic activity, resulted in a very significant shock in Angola's most diverse economic dimensions (trade balance, exchange rate, inflation, public deficit, public debt, domestic consumption, public and private investment).

In response to this context, State Budget was revised considering more conservative assumptions regarding the price of oil (US\$ 33/barrel), and including a set of fiscal and monetary measures to adjust to the impacts of the crisis. Additionally, commitments with international creditors were rescheduled in order to mitigate the debt service effort.

Macroeconomic data for the first and second quarter of 2020 show a drop in output of -1.8% and -4.6%, respectively (compared to the same period), with a recession of -3.6% projected for 2020.

Inevitably, the shock waves of this situation will continue to hit the banking sector, particularly at the level of credit risk, with the end of the moratorium, but also in the currency position, as a result of the depreciation of the kwanza, and in the financial intermediation margin, as a consequence of rising inflation.

Banco Nacional de Angola has extended the liquidity lines in order to preserve the banks' liquidity position in the context of the reduction of in-flows due to the moratoriums and the increase of out-flows associated with the stimulus program for granting credit to the economy.

It is important to underline the high level of uncertainty associated with expectations regarding the future behavior of the world and Angolan economy. Therefore, it will be critical to monitor the evolution of the situation in order to timely inform decisions regarding bank management.



Fernando E. Mascarenhas
Partner, Advisory
E: femascarenhas@kpmg.com



Rodrigo M. Lourenço
Partner, Advisory
E: rmlourenco@kpmg.com



Angolan banking sector analysis



Developments in the sector

The performance of the Angolan banking sector was marked by the negative evolution of the economic environment and by the country's challenges, both in terms of monetary and exchange rate policy, as well as the impacts of the evolution of oil prices.

In 2019, the banking sector was also marked by the Asset Quality Assessment (AQA) together with the International Monetary Fund (IMF). This exercise covered 13 Financial Institutions, which represented 92.8% of the total assets of the Angolan banking system. The result for the year demonstrated the resilience of the sector, with the recapitalization needs concentrated mainly in two institutions.



Banking development

The population's banking level is approximately 40%, a percentage that is relatively low when compared to other Southern African countries. Banking institutions have been reinforcing their strategies for attracting new customers and maintaining the relationship with the market and its customers. The Angolan State and the BNA have also made a significant effort to create financial inclusion programs for the population and thus contribute to increasing the population's banking level and increase the capacity of the informal economy to operate.

Institutions have also been developing a program in this area that aims to associate innovation and digitalization with a higher financial inclusion of the population.



Payment methods

In 2019 there was a continued growth in the use of payment methods, both in terms of transactions in TPA and ATM. In addition to this trend, BNA has a set of initiatives underway to continue to develop Payment Systems in the Angolan market. Reinforcing this trend, a set of actions is currently underway to implement the Mobile and Instant Transfer Subsystem. This system is intended to provide accessible payment services to the non-bank population anywhere in the national territory, which represents a great importance in the complete process of banking and financial inclusion.



Bank product and profitability

Banking income contracted in 2019 compared to 2018, as a result of the evolution of the financial margin but also of the impact on the complementary margin of the exchange rate results. In 2018, the positive effect of exchange rate results had a decisive effect on the evolution of the Institutions' performance. This situation did not repeat itself with the same magnitude in 2019 and, therefore, contributed to this evolution.

Combining this evolution of banking product with the effect of increases in impairment levels, there was a significant decrease in the level of net results of Financial Institutions of approximately 73%.

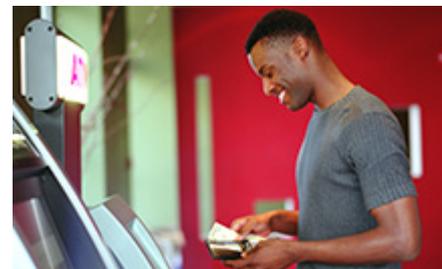


Cost to income

The cost to income ratio deteriorated by approximately 18% due to the evolution of earnings in 2019, namely the behavior of foreign exchange results. Even so, it should be noted that the drop in the ratio is not as substantial as the drop in income, a fact that demonstrates the greater discipline and focus of the Institutions in controlling and rationalizing their costs. It should be noted that the ratio remains at reasonable levels compared to international benchmarks.

Total Assets

Total assets increased by 26% compared to 2018, with the largest growth seen in Cash and Deposits in central banks and other financial institutions. This evolution results both from the growing demands in terms of mandatory reserves, as well as from the credit contraction reflected in the transformation ratio and the decrease in the volume of investment in public debt as a result of changes in the State's strategy. These combined impacts demonstrate the need for institutions to find alternatives for managing their liquidity.



Solvency ratio

2019 solvency ratio is in line with 2018, with a decrease of 0.45 percentage points. This evolution demonstrates the resilience of the sector which, despite the effort required by the AQA in terms of provisioning and the decrease in 2019 results, managed to maintain stability in terms of solvency ratio. The containment measures of the institutions regarding the distribution of dividends in accordance with the BNA guidelines contributed significantly to this situation.





Transformation ratio

Transformation ratio has been decreasing continuously in recent years, as a result of the decrease in the level of loans granted. The continued growth in the level of deposits in the main banks has also contributed to the growth of the denominator.

This situation represents a risk but also an opportunity at a time when decisive steps must be taken to diversify the economy and where banks will have a very important role in making funds available but also in monitoring and streamlining the process.



Debt securities and public debt

The weight of marketable securities in total banking system assets remained stable between 2018 and 2019, with an asset weight of approximately 35%. Stability results from the fact that, until 2018, these types of assets are a source of profitability and safeguard against exchange rate risk as a result of indexed issues or in foreign currency. The absence of such issues in 2019 ended up decreasing its attractiveness to institutions and somehow containing the growth of this item.

For 2020, the greatest threat is related to the downgrade of Angola's debt and its impacts on the impairment model.

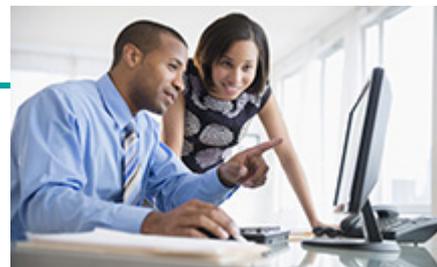
Credit portfolio and risk evolution



Foreign currency assets



The exposure of assets in foreign currency represents a relevant risk for Banking in Angola. Foreign currency-denominated assets represent approximately 50% of the assets of the Angolan banking system in 2019, of which 32% are related to credit. This situation leaves the balance sheets very exposed to the availability of foreign currency to settle loans, a situation amplified by the effects of the devaluation of Kwanzas, which contributes to the increased risk of impairment of these exposures. On this basis, the effort to reduce this percentage will be critical for maintaining the sector's resilience and safeguarding its solvency.



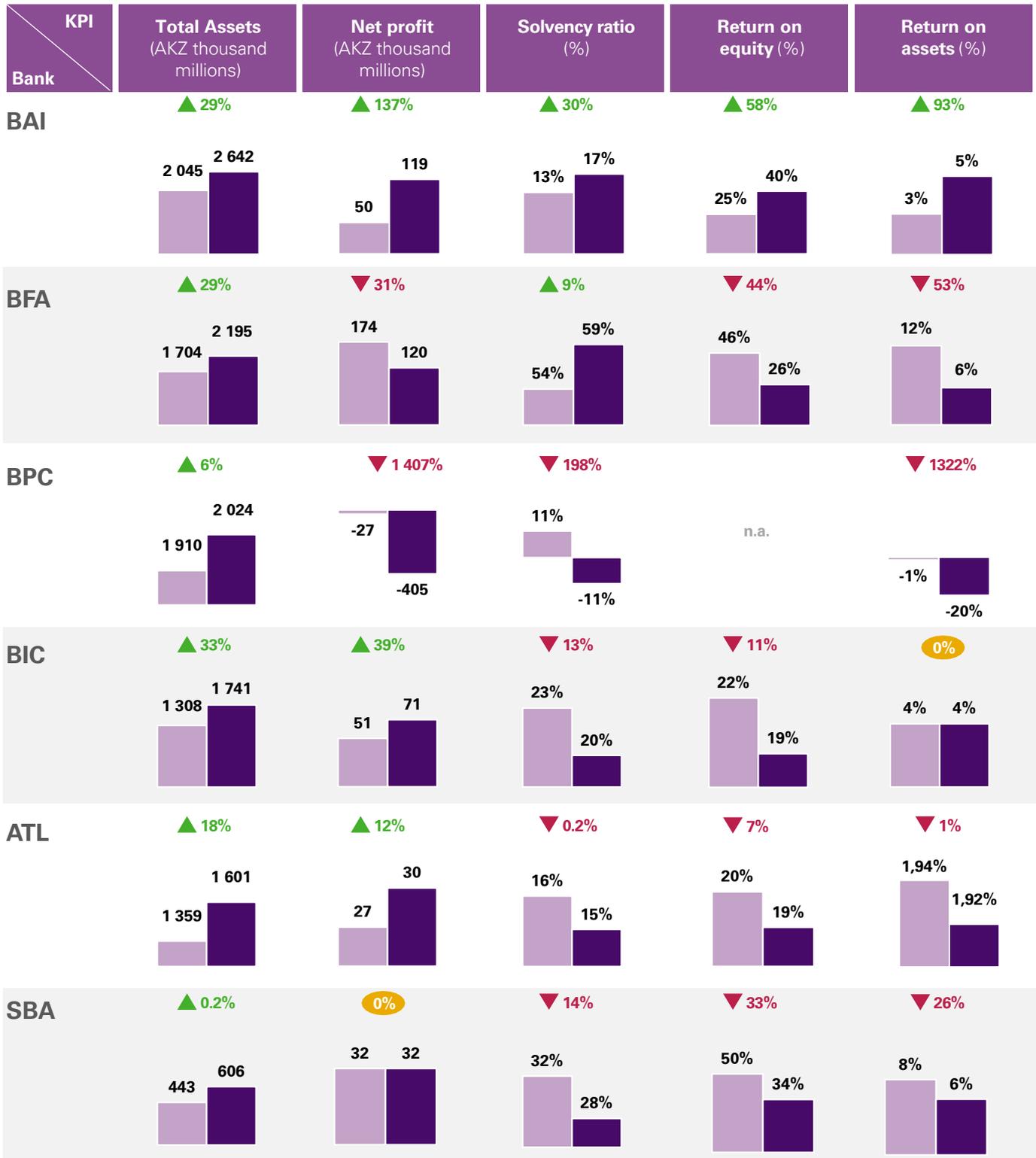
Loans to customers have been losing weight in the balance sheet of financial institutions as a result not only of the economic situation but also due to the provisioning effort that has been taking place in recent years. Credit to customers is not currently the main asset item in most Institutions and this situation also affects the transformation ratio.

The overdue credit ratio worsened in 2019, increasing approximately 5% compared to 2018 and, consequently, the cost of risk also increased slightly when compared to 2018, (increase of 5.2% compared to the previous year). This increase comes from the less favorable economic situation, which in turn had an impact on the responsibilities of the business sector, considerably increasing its levels of default.

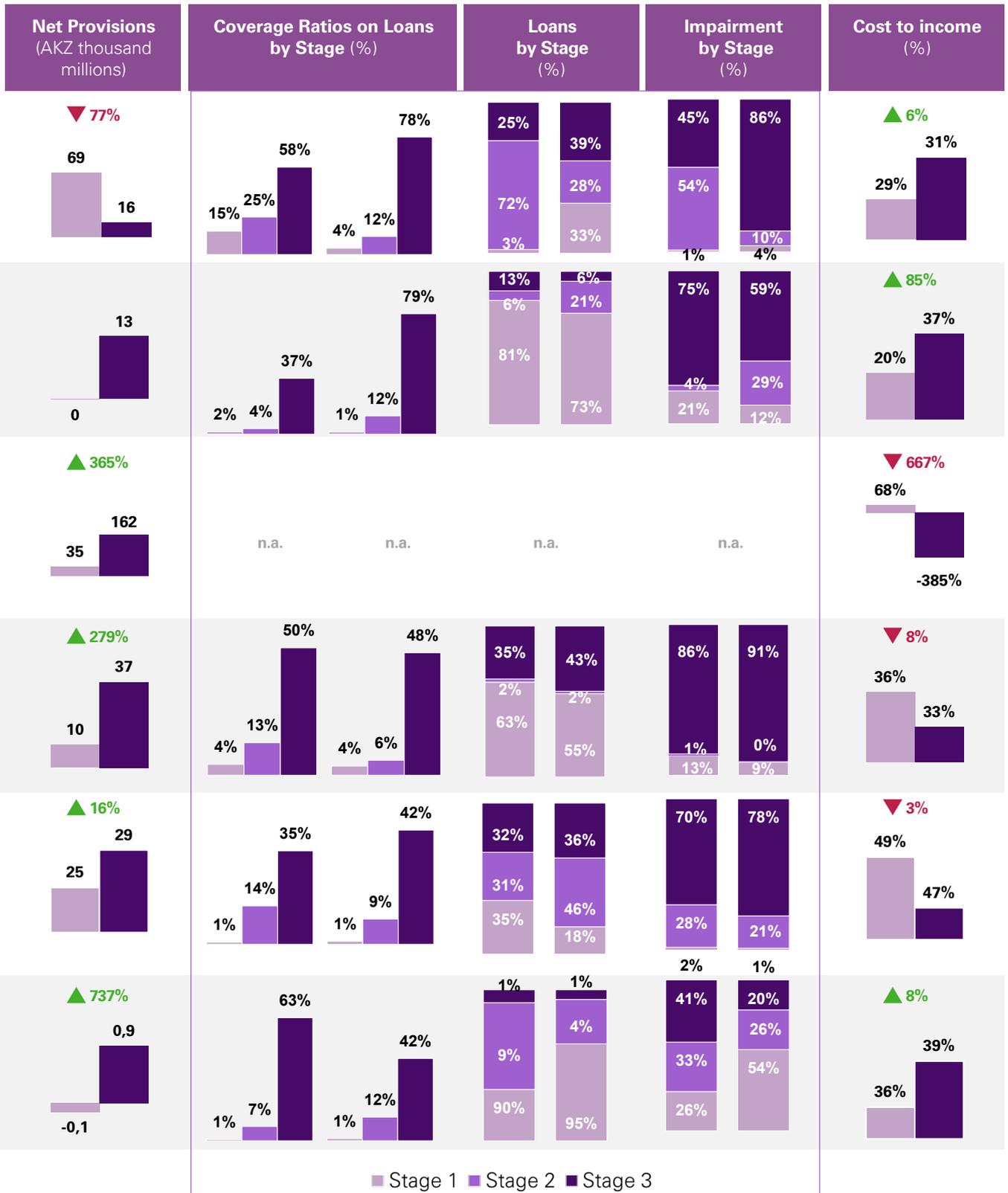
This increase is also a reflection of the AQA exercise, which implied greater consistency and application of a set of specific criteria determined by the BNA with an impact, for example, on mortgage loans collateralised.

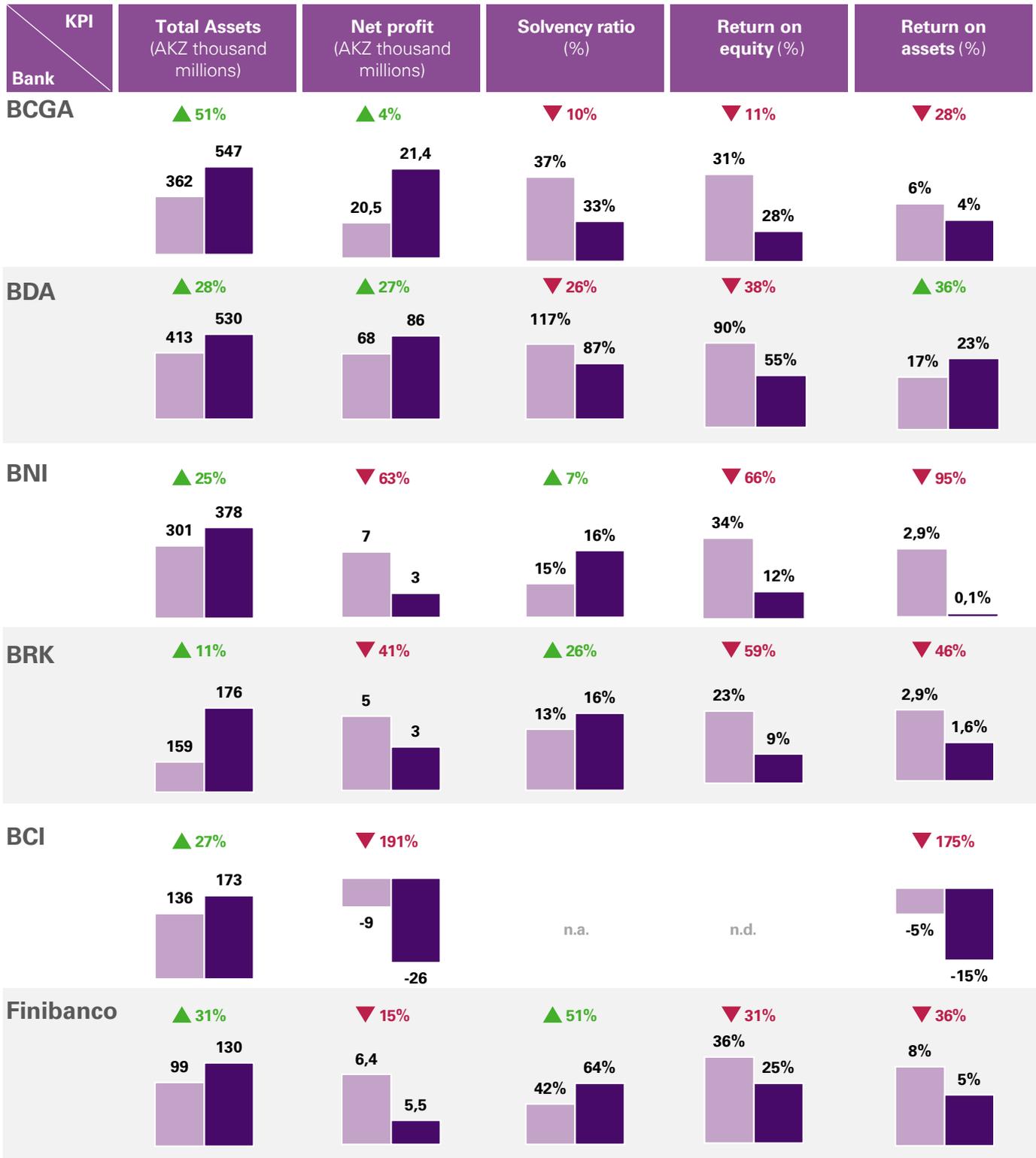


Results snapshot

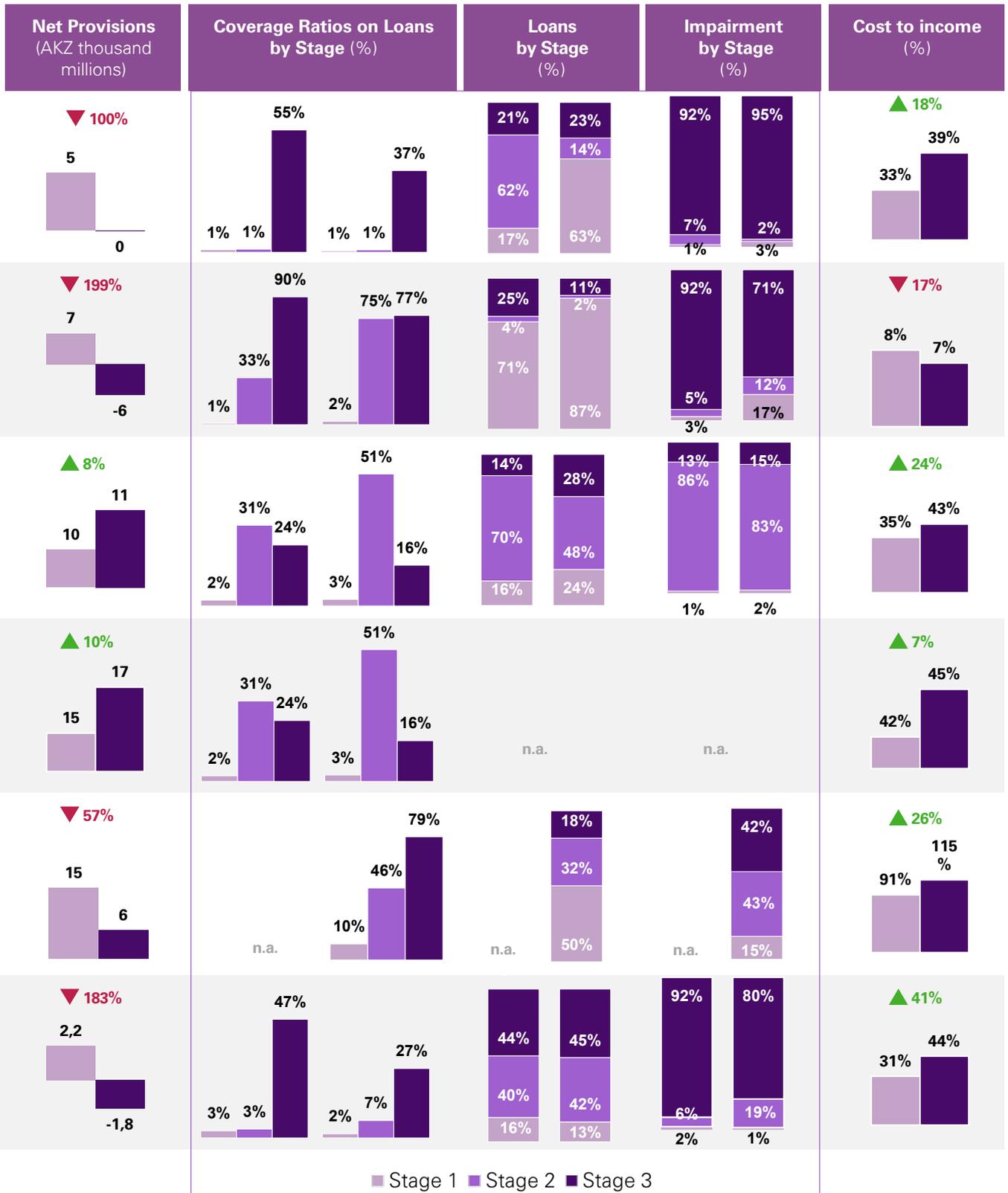


■ 2018 ■ 2019





■ 2018 ■ 2019



Banking in Angola, a challenging future...

The current economic situation has been deteriorating significantly due to the evolution of oil prices and also due to the pandemic of COVID-19. This situation implied a revision of the State's General Budget, remaining, even so, a relevant set of challenges and uncertainties that will play a relevant role in the growth and development of the banking sector in Angola. Among others, we highlight the impact of the potential downgrade of Angola's sovereign debt in the strength and resilience of the Angolan financial sector.

Bad economic environment



The requirement for supervision and the volume of requests to financial institutions in this area has been growing in recent years. This situation will intensify even more in the context of the supervisory equivalence process currently underway between the BNA and the ECB. The growing scrutiny of matters associated with Compliance but also with Governance, assumes a very relevant role in the Institutions' strategy in the short to medium term. In the short term, the potential downgrade of Angola's sovereign debt is particularly relevant at prudential levels.

Regulatory developments



Financial institutions continue to focus on the needs and requirements of their customers and seek to implement technological innovations to achieve competitive advantage over their peers. The increased focus on alternative channels and digital operations will be the trend of the future and will play a critical role in differentiating institutions.

Focus on the customer's experience



Faced with the effort to diversify economy, which plays a critical role in Angola's future strategy, financial institutions will have a relevant role as vehicles for scrutinizing projects and means of reaching funds into the real economy. However, this role and all the challenges that result from it will have to be shared between the State, companies and banks as each of them must fulfill their role in this process in order to guarantee their success.

Economy's financing





Focus on operational efficiency

In line with previous years, institutions continue to seek to improve their operating efficiency by reducing their cost to income. In a period when the ability to increase income presents high challenges, the ability to manage costs will be critical to the evolution and resilience of institutions. The ability to transform the business and take advantage of technological developments will be critical to improving operational efficiency.



Business model profitability

The challenges related to the evolution of the financial margin and the fall in foreign exchange results and the restriction to the growth of commissions have placed a significant pressure on business profitability.

On this basis, the search for alternative products assumes great importance in the transformation of business models.



Increase solvency and resilience

Considering the macroeconomic challenges and the requirements to reinforce solvency/capital levels, great risks and liquidity will imply a relevant pressure on the capital levels and, consequently, on the shareholders, which will be affected by the current economic crisis, which can pose challenges in capital strengthening in the sector.



Sector consolidation

The size of the financial sector in Angola and the challenges of efficiency, profitability, size and capital strengthening, will imply the need for consolidation of the sector in the coming years. The dimension will also be relevant to the capacity of institutions to participate in the process of economic diversification.



Digital development

There is a growing focus on the digital development of banking activity both in the front-office and in the back-office areas. Banks must go forward with the digital development to remain relevant, gain competitive advantage and respond to challenges posed by customers.



Challenges of the sector

The economic situation and the current international trends put the sector at a time of major decisions and transformation. On this basis, as in previous studies, the leaders of the three areas of KPMG present a set of challenges that we consider critical in the future of banking in Angola and on which KPMG is committed to develop specific actions throughout the year to bring these themes to the agenda and help find solutions to overcome them.



Credit risk management of the Angolan State

The perception of the increase in country risk by international rating agencies, based on the expectation of the Angolan State's capacity to fulfill its responsibilities generated by the sovereign debt issued and external financing obtained, makes this issue of major importance for Capital Risk Management, namely because we are in a downgrade scenario.

BNA also issued regulations that will enable to lighten the initial impact in terms of capital, allowing it to be deferred in three years.



INTERNAL CONTROL AND GOVERNANCE

Increased scrutiny by regulators and by markets over institutions, the new legislation (Base Law for Financial Institutions and Internal Control Notices) and the objective of equivalence of supervision by the BNA lead to increased pressure on institutions to develop their governance structure and control functions.

The capacity and quality with which this evolution will be performed can become a differentiating factor for customers, markets, supervisors, external investors, correspondent banks and other stakeholders.



COVID-19 – MORATORIUM

COVID-19 will continue to negatively impact banks' asset quality. The 60-day moratorium issued on 30 March 2020 is one (of many) challenges that banks face due to the COVID-19.

The most recent data indicate that orders were placed, mainly from companies, in the amount of c. US\$55 million under the moratorium.

In this context, banks shall strengthen the processes of early identification of credit losses, allowing them to act as

soon as possible with customers in order to provide adequate support to mitigate credit losses.

Banks shall assess the extent to which the moratorium allows the debtor to rebalance its financial position or if, on the other hand, it only delays the appearance of a loss that shall be accounted for. Impairment models shall therefore be adjusted to adequately capture portfolio losses, regardless of whether or not debtors are in default.



THE SECTOR'S CONSOLIDATION CHALLENGES

Given the growing challenges of the sector, namely in terms of capital requirements, processes, governance and business model, the granularity of the financial system in Angola represents a huge opportunity. Institutions' ability to add value through mergers and/or acquisitions by pooling their resources will be key to their growth and resilience at a time when a robust financial system is needed to support the process of economic recovery and diversification.



FOLLOW-UP OF TAX CHANGES

During this period to which the KPMG Banking Analysis refers, the banking sector faced important tax challenges, both in terms of the impact on the bank's accounts and in the costs of products and services for customers and – not least – from the perspective of compliance costs that are associated with tax issues.

From the point of view of the several legal changes approved in July of this year, it is important to highlight – due to its relevance in the financial sector – the increase in the industrial tax rate from 30% to 35% for banking and insurance activities. For taxpayers, the rate was reduced from 30% to 25%.

Likewise, it should be noted the increase in the period for reporting tax losses (from three to five years) and the fact that exchange variations only contribute to the determination of taxable income when they are realized (which means, potential or latent variations are no longer considered).

In addition to these matters arising from this summer's "Tax Reform", the banking sector continues to face two other important challenges in the respective activity: first, the implementation of VAT, with a relevant impact on banking products and services but also very important from the perspective of goods and services acquired by the banks themselves; second, the transfer pricing regime, which – although in force for some years – justifies special care in the perspective of the commercial relations of the Banks with the entities in which the "Group" is integrated.

For these reasons, in addition to the legal changes and the evolution of AGT's capacity in matters of tax inspection, we believe that the support provided by our teams to the banks with which we work is increasingly important.



OPERATIONAL EFFICIENCY

In a world with fierce competition between financial institutions and the entry of new players - such as fintechs - that reduce the level of transactions and profitability, there is a great pressure on the margins generated. The investment alternatives, the growth in the price of products and services are not elastic and, as such, financial entities will have to be more efficient. The transformation process, namely digital, that the entities started is an opportunity to align the front-to-back office and analyze the possibility of greater integration and automation, in order to increase efficiency, eliminate low-value tasks and redundancies. Therefore, an operating model aligned with the bank's business strategy and the elimination of low value tasks, will allow to reduce costs and free resources for added value tasks.



PRIVATIZATION PROGRAM

It is hoped that the completion of the privatization program announced by the State may attract, in addition to national and international capital, also know-how and management capacity that promote the diversification, efficiency and competition of the Angolan economy. It is expected that companies in the private sphere can improve their productivity, profitability, as well as models of government and accountability. There will certainly be a need to

strengthen relations between banks and companies in their transition to the private sphere, thus constituting an opportunity to increase commercial relations between banks and these entities.

In the short/medium term, banks have a crucial role in the success of the privatization program, namely in placing assets with institutional and retail investors – specially in stock exchange operations.





BANKING REGULATION AND SUPERVISION EQUIVALENCE PROCESS

During 2020, BNA presented to the financial system its intention to submit an application to obtain regulatory and supervisory equivalence from the European Union. The main benefits for obtaining Supervisory equivalence are: (i) promoting convergence and cooperation with regulators with the best supervisory practices; (ii) strengthening the system's credibility

and transparency; (iii) capital consumption more adjusted to the business model and lower financing costs; and (iv) perception of improved government and risk management. The alignment of the Angolan and European regulatory frameworks will require a transformation of the risk management of Angolan financial institutions, the main challenges being:



The attribution of supervisory equivalence will be an important contribution to the promotion of foreign investment and to the

development of the country.



DATA AND ARCHITECTURE

Data Governance is not a new topic for banks. However, the recent increase of investments in digitization, in advanced analytics, self-service channels, Cloud and greater risk and regulatory requirements have resulted in inadequate Business Architectures as traditional data governance programs and initiatives have not been properly positioned considering this new digital context. Additionally, data governance is even perceived as an obstacle that hinders innovation and agile work methodologies, making it slower and less efficient. But if the data is not reliable, is not adjusted to business scenarios and does not respond to regulatory requirements, investments in innovation are sure to wither. It will be necessary to have an appropriate strategy and techniques for Digital and Artificial Intelligence to contribute to Governance, and to reduce the inefficiencies caused by the need for massive data management.

The latest gadgets and technological innovations are everywhere and managers want to adopt them and take advantage quickly to improve some aspect of their business. In fact, emerging technology is what companies think gives them an edge in innovation. The combination of emerging technology and digital innovation should provide an additional boost to accelerate and expand business, but old habits are

hard to break! Data (including its quality, availability, timeliness, relevance, etc ...) is still the Achilles heel of Information Technologies, and data governance is a heavy burden that prevents organizations from taking full advantage of innovation.

However, when incorporating new emerging technologies, those responsible for defining the business architecture who choose - in favor of short-term speed - to circumvent data governance practices and policies and do not incorporate them efficiently into their data architectures and information, run the risk of accumulating "technical data debts" that will structurally condition these investments.

Data governance can induce additional capital gains when it is incorporated and automated in the technology we use. The intelligence to personalize this technology does not begin with analysis, but with quality data and adequate governance. Data management and governance are inextricably linked and at the heart of all the emerging challenges of digital technology. Considering data governance as an integral part of innovation requirements enhances the solution that you want to integrate with insights and a positive user experience that accelerates your adoption



ESG INDICATORS AND INTEGRATED FINANCIAL REPORTING

More and more, investors and other stakeholders are increasingly interested in environmental, social and governance issues (Environment, Social and Governance -ESG) .The way companies respond to their stakeholders' expectations of ESG has growing implications. Analysts expect this trend to accelerate as generations that have grown up with global challenges begin to exercise greater power in investment decisions.



ROLE OF THE COUNTER IN A DIGITAL WORLD

The COVID-19 pandemic has accelerated the process of digital transformation in all sectors of activity and across the globe. Financial services, being no exception, had to print at an even higher pace, in order to continue to serve their customers in a world in which face-to-face contacts were kept to a minimum and essential. Thus, the role of the counter in this new digital world must be revisited, aiming to provide the best customer experience and in a safe way. The adoption of technology that allows customers to make their visits and interact with employees at a counter, using their own technological gadgets and digitally whenever possible are imperative in this new reality. The design, choreography and processes of a branch should be redesigned in order to provide a unique and differentiating customer experience for the various segments that the Bank, according to its strategy, intends to serve.



DIGITAL TRANSFORMATION

Financial institutions have always followed technological trends and adapted their business models to the needs of their customers, based on innovation. COVID-19 brought significant challenges for the economy and, of course, for financial institutions in general. Among the countless challenges, one aspect in particular is highlighted: how to interact with customers in order to contribute to building trust, as well as providing high quality services at the same time. Banks need to face these numerous challenges through the digital transformation of the customer experience, bringing together innovation and technology in the same effort and, in order to achieve the true digital experience, they also need to have a holistic view of the entire journey.

Although some banking institutions have already started this transformation process before the COVID-19 pandemic, it is still necessary to carry out the following steps to achieve the desired objectives:

- Define the strategy: this is an integral first step in the development of the roadmap and in the identification of potential challenges
- Diversification of the offer of channels: extend the channels in order to grant loans to the consumer/corporate.
- Credit Simulation Customization: gather information during the simulation phase for case analysis that allows you to be

more precise and personalized in the solutions presented.

- Reduction of the effort required from the customer: use the existing information about the customer to automatically fill in the data required in the credit application, in order to reduce the amount of documentation required.
- Improved customer experience: define a complete customer journey by identifying all contact points.
- Integrated and Omni-channel management: Save all Customer processes (initiated, pending and completed) and allowing them to be consulted and/or continued on any channel, reducing the "touch time", as the service becomes more accurate/efficient .
- Offer of complementary services: Offer of complementary services to the Customer after granting credit, such as insurance and asset management, aiming to extending and strengthening the connection between the Customer and the Bank.

KPMG developed a specific methodology for digital transformation, addressing front office, middle office and back office in an integrated way.

Banks need to look at this new reality and adapt their approach to the customer experience; the faster your adaptation process, the greater the chance of survival and standing out as winners.

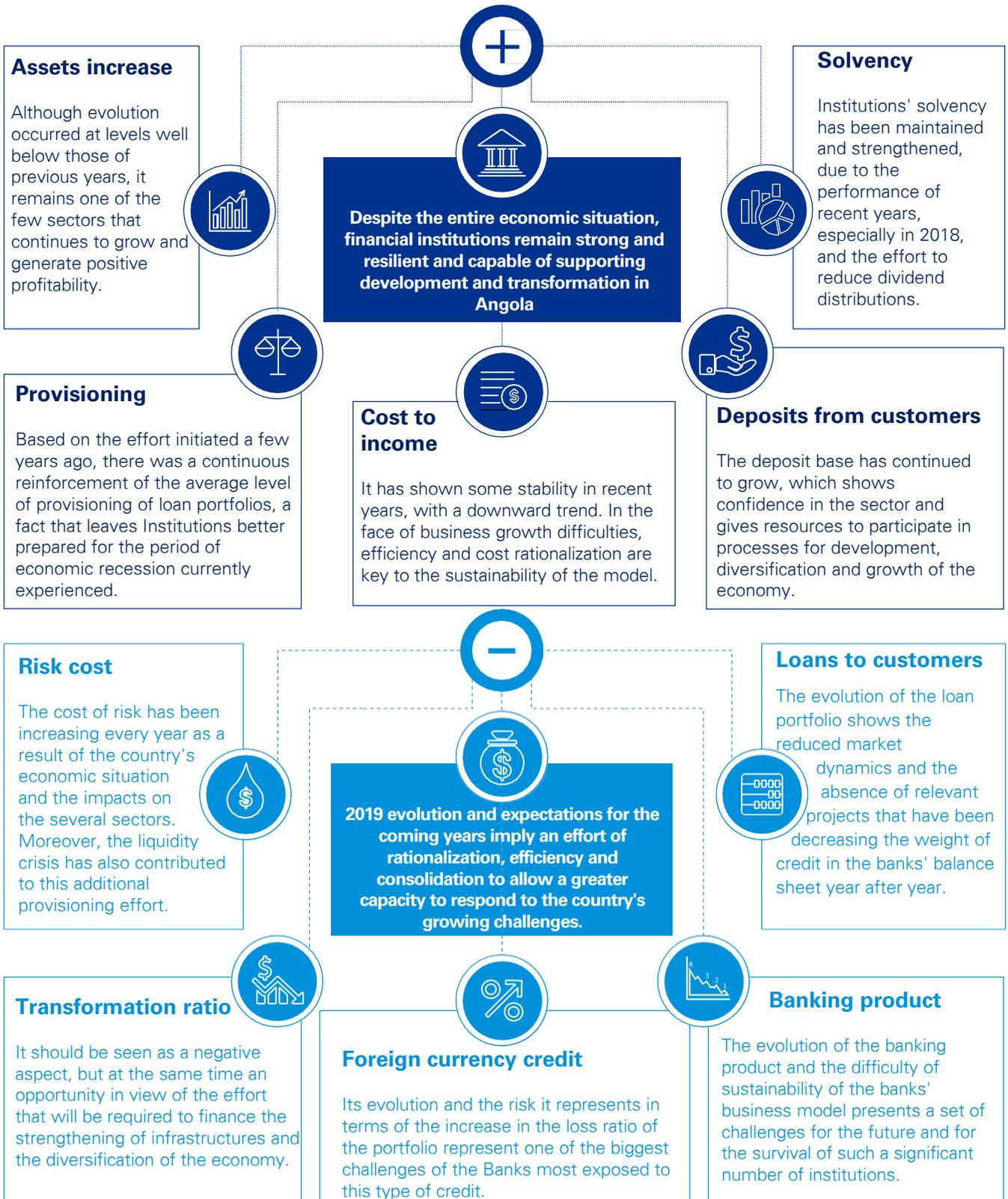






Growth and resilience

We present the most relevant positive and negative aspects that stand out from our analysis as at 31 December 2019.



Methodology and sources of information

The characterization of this document regarding the Angolan banking sector analysis is supported by D&A resulting from public information (Financial Statements), made available by the Financial Institutions included in this analysis, information obtained on the website of Banco Nacional de Angola (BNA) and data obtained through the Interbank Service Company (EMIS), among other sources.

The analysis performed is based on the sum of amounts associated with the Financial Institutions considered in this analysis. Any exception to this approach will be duly identified. Based on the universe of Commercial Banks authorized to operate in Angola by BNA in 2019, the D&A used in this edition have a representation of approximately 96% of the total of financial institutions, and it was not possible to incorporate any data related to Banco Económico. For this reason, we believe that the sector's representativeness in the globality of the analyzed indicators is ensured.

Regarding the analyses presented in previous years, it should be noted the exclusion of Banco Económico from the population of financial institutions analyzed, due to the lack of timely availability of its financial information. Additionally, three additional institutions were also excluded, which in view of their prudential situations ended their activity following the guidelines of the BNA: Banco Mais, Banco Postal and Banco Angolano de Negócios e Comércio.

This year's analysis presents a methodological change regarding the treatment of aggregated data.

In this context, this analysis aims to be a faithful representation of the Angolan Banking Sector, guaranteeing a quantitative and qualitative analysis of its different dimensions, namely:

- **Sector size** (e.g.: assets, loans, deposits, banking product, number of branches, number of employees);
- **Profitability** (e.g.: net profit/loss, ROE, ROAA);
- **Efficiency** (e.g.: cost to income);
- **Leverage** (e.g.: transformation ratio); and
- **Strength** (e.g.: solvency).





The institutions mentioned in our analysis are as follows:

Financial Institution		
Banco		Ano
BPC	BANCO DE POUPANÇA E CRÉDITO	1975
BCI	BANCO DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA	1991
BCGTA	BANCO CAIXA GERAL TOTTA DE ANGOLA	1993
BFA	BANCO DE FOMENTO ANGOLA	1993
BAI	BANCO ANGOLANO DE INVESTIMENTOS	1996
BCA	BANCO COMERCIAL ANGOLANO	1999
BSOL	BANCO SOL	2001
BE	BANCO ECONÓMICO(1)	2001
KEVE	BANCO REGIONAL DO KEVE	2003
BMF	BANCO BAI MICRO-FINANÇAS	2004
BIC	BANCO BIC	2005
ATL	BANCO MILLENIUM ATLÂNTICO(2)	2006
BNI	BANCO DE NEGÓCIOS INTERNACIONAL	2006
BDA	BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE ANGOLA	2006
VTB	BANCO VTB-ÁFRICA	2006
FNB	FINIBANCO ANGOLA	2008
BKI	BANCO KWANZA DE INVESTIMENTO	2008
SBA	STANDARD BANK	2008
BCH	BANCO COMERCIAL DO HUAMBO	2010
BVB	BANCO VALOR	2011
SCBA	STANDARD CHARTERED BANK DE ANGOLA	2014
BIR	BANCO RURAL	2013
BPG	BANCO PRESTÍGIO	2015
YETU	BANCO YETU	2015
BCS	BANCO DE CRÉDITO DO SUL	2015
BOCLB	BANCO DA CHINA LIMITADA - SUCURSAL EM LUANDA	2017

(1) Banco Económico, S.A. arises from the redenomination of Banco Espírito Santo Angola S.A. which occurred in 2014, after the reorganization measures applied by BNA.

(2) In 2016, Banco Millennium Angola, S.A. and Banco Privado Atlântico, S.A. merged, giving rise to Banco Millennium Atlântico, S.A..

Source: BNA and Bank's financial statements

Bank rankings

Total Assets Ranking

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BAI	2 044 595	1	BAI	2 641 703
2	BPC	1 909 676	2	BFA	2 195 058
3	BFA	1 703 728	3	BPC	2 024 089
4	ATL	1 358 772	4	BIC	1 740 931
5	BE	1 357 610	5	ATL	1 601 479
6	BIC	1 307 706	6	SBA	606 237
7	BSOL	532 261	7	BSOL	602 708
8	BDA	413 124	8	BCGA	547 100
9	SBA	443 247	9	BDA	529 629
10	BCGA	362 281	10	BNI	377 772
11	BNI	301 158	11	VTB	184 705
12	KEVE	159 442	12	KEVE	176 206
13	BCI	135 920	13	BCI	173 266
14	FNB	99 421	14	FNB	129 874
15	VTB	91 709	15	BCS	106 798
16	BCA	59 862	16	BCA	93 470
17	BCS	59 203	17	BIR	80 533
18	BVB	45 502	18	BVB	64 275
19	SCBA	45 050	19	SCBA	51 085
20	BCH	37 797	20	BCH	45 665
21	BPG	28 711	21	YETU	42 490
22	YETU	22 998	22	BPG	41 170
23	BIR	15 036	23	BMF	21 289
24	BMF	14 844	24	BOCLB	14 348
25	BKI	14 805	25	BKI	10 432
26	BOCLB	8 175	26	BE*	n.a.

*Bank has not yet released the Financial Statements.

Source: Bank's Financial Statements (amounts in million of Kwanzas).



Transformation Ratio Ranking (Net loans/total deposits)

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BIR	81%	1	BIC	47%
2	BPC	57%	2	BSOL	46%
3	BIC	43%	3	KEVE	43%
4	BSOL	41%	4	ATL	36%
5	BCI	41%	5	BNI	28%
6	ATL	40%	6	FNB	26%
7	KEVE	38%	7	BCI	25%
8	BNI	34%	8	BCGA	25%
9	BCA	33%	9	SBA	21%
10	FNB	33%	10	BFA	20%
11	BCGA	29%	11	BAI	20%
12	BCS	26%	12	BIR	19%
13	BFA	24%	13	BCS	18%
14	BAI	21%	14	BCA	18%
15	BVB	19%	15	BVB	14%
16	YETU	18%	16	BMF	7%
17	SBA	16%	17	YETU	6%
18	BPG	12%	18	BPG	5%
19	BE	12%	19	VTB	4%
20	BCH	9%	20	SCBA	4%
21	BMF	9%	21	BOCLB	3%
22	BKI	1%	22	BPC	3%
23	VTB	0%	23	BKI	1%
24	BOCLB	0%	24	BCH	0%
25	SCBA	0%	25	BDA*	n.a.
26	BDA	n.a.	26	BE**	n.a.

Net loans to customers ranking

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BPC	684 388	1	BIC	563 100
2	ATL	420 265	2	BAI	448 712
3	BIC	396 255	3	ATL	442 701
4	BAI	373 253	4	BFA	327 937
5	BFA	295 842	5	BSOL	219 326
6	BSOL	167 121	6	BDA	147 654
7	BE	124 538	7	BCGA	112 377
8	BDA	96 041	8	SBA	91 505
9	BNI	86 888	9	BNI	87 423
10	BCGA	79 856	10	KEVE	51 285
11	SBA	53 697	11	BCI	45 684
12	BCI	50 132	12	BPC	41 725
13	KEVE	49 687	13	FNB	22 786
14	FNB	22 175	14	BCS	11 734
15	BCA	11 712	15	BIR	9 917
16	BCS	7 675	16	BCA	7 649
17	BVB	6 467	17	BVB	6 305
18	BIR	5 150	18	VTB	5 659
19	YETU	2 198	19	YETU	1 602
20	BCH	1 317	20	BPG	1 381
21	BMF	594	21	SCBA	1 214
22	BPG	524	22	BMF	850
23	BKI	48	23	BOCLB	170
24	VTB	8	24	BCH	70
25	BOCLB	0	25	BKI	25
26	SCBA	0	26	BE**	n.a.

*Banks without loans operations.

**Bank has not yet released the Financial Statements.

Source: Bank's Financial Statements (amounts in percentages and in million of Kwanzas).



Deposits from customers ranking

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BAI	1 807 522	1	BAI	2 285 012
2	BFA	1 232 128	2	BFA	1 622 898
3	BPC	1 211 167	3	BPC	1 440 365
4	BE	1 059 122	4	ATL	1 234 986
5	ATL	1 042 925	5	BIC	1 202 785
6	BIC	920 696	6	BSOL	478 737
7	BSOL	406 024	7	BCGA	457 217
8	SBA	336 812	8	SBA	432 183
9	BCGA	279 856	9	BNI	310 677
10	BNI	254 281	10	BCI	185 153
11	KEVE	129 165	11	VTB	145 239
12	BCI	123 187	12	KEVE	120 640
13	FNB	68 080	13	FNB	86 951
14	VTB	56 839	14	BCS	64 501
15	BCA	35 762	15	BIR	53 461
16	BVB	34 485	16	BVB	45 934
17	SCBA	32 224	17	BCA	43 169
18	BCS	29 652	18	SCBA	33 491
19	BCH	14 448	19	BPG	26 773
20	YETU	11 885	20	YETU	24 774
21	BMF	6 872	21	BCH	18 268
22	BIR	6 352	22	BMF	12 493
23	BKI	5 935	23	BOCLB	5 048
24	BPG	4 291	24	BKI	2 027
25	BOCLB	410	25	BDA*	n.a.
26	BDA*	n.a.	26	BE*	n.a.

Equity ranking

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BFA	378 501	1	BFA	462 206
2	BIC	234 000	2	BIC	363 719
3	BAI	199 209	3	BAI	298 166
4	BPC	138 820	4	ATL	163 318
5	ATL	135 039	5	BDA	156 476
6	BDA	75 656	6	SBA	95 666
7	BE	72 856	7	BCGA	76 607
8	BCGA	65 293	8	BSOL	42 440
9	SBA	64 858	9	BCS	33 847
10	BSOL	39 220	10	BCA	29 761
11	BCS	23 200	11	KEVE	29 490
12	KEVE	20 347	12	BCH	24 760
13	BCA	20 178	13	FNB	22 028
14	BNI	19 778	14	BNI	21 582
15	FNB	17 928	15	VTB	18 514
16	BCH	17 647	16	BVB	14 943
17	VTB	16 324	17	BIR	14 770
18	YETU	10 645	18	YETU	14 359
19	BVB	10 172	19	BPG	12 004
20	BPG	9 935	20	SCBA	8 650
21	SCBA	8 884	21	BMF	8 077
22	BIR	8 524	22	BKI	7 119
23	BMF	7 675	23	BOCLB	6 829
24	BKI	7 634	24	BCI	-40 962
25	BOCLB	7 575	25	BPC	-82 120
26	BCI	-9 921	26	BE*	n.a.

*Bank has not yet released the Financial Statements.
Source: Bank's Financial Statements (amounts in million of Kwanzas).



Banking product ranking

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BFA	280 169	1	BIC	272 728
2	BIC	191 040	2	BAI	215 257
3	BAI	178 511	3	BFA	209 869
4	BE	143 295	4	BDA	123 994
5	ATL	105 691	5	ATL	110 995
6	BPC	97 643	6	SBA	61 106
7	BDA	84 173	7	BSOL	48 125
8	BSOL	66 424	8	BCGA	39 382
9	SBA	56 648	9	BNI	38 882
10	BNI	43 556	10	KEVE	35 132
11	BCGA	39 053	11	BCS	26 888
12	KEVE	34 296	12	BCI	20 283
13	BCS	23 856	13	BCA	17 555
14	BCI	20 477	14	VTB	15 425
15	FNB	15 096	15	FNB	13 427
16	VTB	13 722	16	BVB	10 602
17	BCA	13 674	17	BIR	10 477
18	BCH	9 653	18	BCH	10 172
19	BVB	7 717	19	YETU	9 357
20	BPG	6 000	20	BPG	8 375
21	YETU	4 854	21	SCBA	4 221
22	BKI	4 572	22	BMF	2 955
23	SCBA	4 320	23	BKI	883
24	BMF	2 201	24	BOCLB	-110
25	BIR	1 438	25	BPC	-15 351
26	BOCLB	49	26	BE*	n.a.

Net profit ranking

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BFA	174 259	1	BFA	119 940
2	BDA	67 717	2	BAI	118 733
3	BIC	51 004	3	BDA	86 312
4	BAI	50 066	4	BIC	70 657
5	BE	36 374	5	SBA	32 128
6	SBA	32 323	6	ATL	30 465
7	ATL	27 225	7	BCGA	21 383
8	BCGA	20 549	8	BCS	14 647
9	BCS	11 599	9	BCA	10 890
10	BCA	8 082	10	VTB	8 679
11	VTB	7 209	11	BCH	7 164
12	BNI	6 770	12	BIR	5 572
13	BCH	6 630	13	FNB	5 501
14	FNB	6 449	14	BVB	5 423
15	KEVE	4 603	15	YETU	4 483
16	BSOL	4 493	16	BSOL	4 049
17	BVB	4 015	17	BPG	3 576
18	BPG	2 664	18	KEVE	2 703
19	YETU	2 539	19	BNI	2 502
20	BKI	2 378	20	BMF	402
21	SCBA	1 372	21	BKI	-515
22	BMF	239	22	SCBA	-822
23	BIR	202	23	BOCLB	-1 715
24	BOCLB	-1 219	24	BCI	-26 190
25	BCI	-8 993	25	BPC	-404 732
26	BPC	-26 852	26	BE*	n.a.

*Bank has not yet released the Financial Statements.
Source: Bank's Financial Statements (amounts in million of Kwanzas).



Net interest income ranking in % of assets

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BVB	12,9%	1	BVB	13,4%
2	BSOL	11,4%	2	BCH	11,1%
3	BMF	11,1%	3	BMF	8,4%
4	BCH	9,9%	4	BCI	7,4%
5	BKI	9,6%	5	BFA	7,0%
6	BCI	8,4%	6	YETU	6,9%
7	SBA	8,2%	7	BKI	6,9%
8	SCBA	7,6%	8	BIR	6,7%
9	BCS	7,2%	9	SCBA	6,7%
10	YETU	7,1%	10	SBA	6,5%
11	BFA	6,9%	11	KEVE	5,3%
12	FNB	6,7%	12	BIC	5,2%
13	BIR	6,2%	13	FNB	4,9%
14	BCGA	5,9%	14	BCA	4,6%
15	BCA	5,6%	15	BCGA	4,5%
16	KEVE	5,6%	16	BDA	4,4%
17	BIC	5,1%	17	BCS	4,2%
18	ATL	4,9%	18	ATL	4,1%
19	BNI	4,3%	19	BAI	3,9%
20	BAI	4,2%	20	BNI	3,0%
21	BPC	2,9%	21	BPG	2,2%
22	BE	2,4%	22	BSOL	0,0%
23	VTB	0,5%	23	VTB	-0,2%
24	BOCLB	0,0%	24	BOCLB	-0,6%
25	BDA	-0,5%	25	BPC	-0,6%
26	BPG	-2,2%	26	BE*	n.a.

Return on assets ranking (ROAA) %

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BCS	27,2%	1	BDA	22,5%
2	BCH	21,9%	2	BCS	18,3%
3	BKI	20,2%	3	BCH	18,2%
4	BDA	16,6%	4	YETU	12,5%
5	BCA	15,0%	5	BCA	11,7%
6	BFA	12,5%	6	BPG	10,9%
7	BPG	11,4%	7	BVB	9,9%
8	VTB	11,3%	8	BIR	7,0%
9	YETU	11,0%	9	VTB	6,5%
10	BVB	10,1%	10	SBA	5,9%
11	FNB	8,2%	11	BFA	5,8%
12	SBA	7,9%	12	FNB	5,3%
13	BCGA	6,0%	13	BAI	5,0%
14	BIC	4,1%	14	BIC	4,4%
15	BE	3,0%	15	BCGA	4,3%
16	SCBA	3,0%	16	ATL	1,9%
17	KEVE	2,9%	17	BMF	1,9%
18	BNI	2,9%	18	KEVE	1,6%
19	BAI	2,6%	19	BNI	0,1%
20	ATL	1,9%	20	SCBA	-1,6%
21	BMF	1,6%	21	BKI	-4,9%
22	BIR	1,3%	22	BOCLB	-12,0%
23	BSOL	0,8%	23	BCI	-15,0%
24	BPC	-1,4%	24	BPC	-20,0%
25	BCI	-5,4%	25	BSOL	0,0%
26	BOCLB	-14,9%	26	BE*	n.a.

*Bank has not yet released the Financial Statements.
Source: Bank's Financial Statements (amounts in percentages).



Return on Equity Ranking (ROE) %

2018			2019		
Ranking	Bank	Amount	Ranking	Bank	Amount
1	BDA	90%	1	BDA	55%
2	BCS	50%	2	VTB	47%
3	BE	50%	3	BCS	43%
4	SBA	50%	4	BAI	40%
5	BFA	46%	5	BIR	38%
6	VTB	44%	6	BCA	37%
7	BCA	40%	7	BVB	36%
8	BVB	39%	8	SBA	34%
9	BCH	38%	9	YETU	31%
10	FNB	36%	10	BPG	30%
11	BNI	34%	11	BCH	29%
12	BCGA	31%	12	BCGA	28%
13	BKI	31%	13	BFA	26%
14	BPG	27%	14	FNB	25%
15	BAI	25%	15	BIC	19%
16	YETU	24%	16	ATL	19%
17	KEVE	23%	17	BNI	12%
18	BIC	22%	18	BSOL	10%
19	ATL	20%	19	KEVE	9%
20	SCBA	15%	20	BMF	5%
21	BSOL	11%	21	BKI	-7%
22	BMF	3%	22	SCBA	-9%
23	BIR	2%	23	BOCLB	-25%
24	BOCLB	-16%	24	BCI	not applicable
25	BPC	-19%	25	BE*	n.a.
26	BCI	not applicable	26	BPC	not applicable

*Bank has not yet released the Financial Statements.
Source: Bank's Financial Statements (amounts in percentages).





Contacts

Vitor Ribeirinho
Head of Audit & Assurance
T: +244 227 280 101
E: vribeirinho@kpmg.com

Inês Filipe
Chief Executive Officer
T: +244 227 280 103
E: ifilipe@kpmg.com

Luís Magalhães
Head of Tax
T: +244 227 280 101
E: lmagalhaes@kpmg.com

Nasser Sattar
Head of Advisory
T: +244 227 280 101
E: nsattar@kpmg.com

The information contained herein is of general nature and is not intended to address the circumstances of any particular individual or entity. Although we endeavor to provide accurate and timely information, there can be no guarantee that such information is accurate as of the date it is received or that it will continue to be accurate in the future. No one should act on such information without appropriate professional advice after a thorough examination of the particular situation.

© 2020 KPMG Angola – Audit, Tax, Advisory, S.A., an Angolan company and a member firm of the KPMG network of independent member firms affiliated with KPMG International Cooperative (“KPMG International”), a Swiss entity. All rights reserved. The KPMG name and logo are registered trademarks or trademarks of KPMG International.



[Navegue na versão em português](#)